



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**A GUARITA**

Kevin Rodrigues Thirkell Wheatley

Rio de Janeiro/ RJ  
2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**A GUARITA**

Kevin Rodrigues Thirkell Wheatley

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em nome do seu curso.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Lissovsky

Rio de Janeiro/ RJ  
2016

## A GUARITA

Kevin Rodrigues Thirkell Wheatley

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por

---

Prof. Dr. Mauricio Lissovsky

---

Prof. Dr. Fernando Souza Gerheim

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Isabel Siqueira Travancas

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro/ RJ  
2016

WHEATLEY, Kevin.

A Guarita/ Kevin Rodrigues Thirkell Wheatley – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.

146 f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2016.

Orientação: Mauricio Lissovsky

1. Cinema. 2. Roteiro. 3. Milícia. I. LISSOVSKY, MAURICIO. II. ECO/UFRJ  
III. Radialismo. IV. A Guarita

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Derek, a personificação do carinho.  
Ao meu irmão, Alain, meu avesso que me completa.  
À minha mãe, Lisia, meu direito que me transborda.  
A toda minha família, pois eu sou o que somos e fomos.  
Aos meus amigos, por tornar mais divertida essa coisa tão curta e tão infinita que chamamos de vida.  
E, claro,  
À *ma chérie*, Mélanie, pela coragem de seguir ao meu lado nesta e em outras tantas caminhadas.

## **AGRADECIMENTOS**

Em termos gerais, agradeço a todas as pessoas que por mim têm estima e que um pouco desta me emprestaram quando a que tenho em mim faltou.

Em termos mais específicos, gostaria de circunscrever os meus agradecimentos nominais a quem foi importante no aspecto absolutamente prático deste projeto final. Agradeço primeiramente ao meu orientador, Mauricio Lissovsky. Suas aulas me aproximaram da arte de fazer roteiros e nada seria mais coerente do que ter sua orientação na finalização deste ciclo de graduação. Finalmente, agradeço à minha mãe, Lisia Filgueiras, companheira fiel e crítica sagaz. Sempre.

*``Toda sociedade é um organismo podre que se conserva graças ao gelo da hipocrisia``*

(Enrique Ponzela)

*``Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.  
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,  
E não tivesse mais irmandade com as coisas  
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado  
[da rua``*

(Fernando Pessoa)

*``Morrer tão completamente  
Que um dia ao lerem o teu nome num papel  
Perguntem: ``Quem foi?``  
Morrer mais completamente ainda,  
- sem deixar sequer esse nome``*

(Manuel Bandeira)

*``Do not go gentle into that good night.  
Rage, rage against the dying of the light. ``*

(Dylan Thomas)

WHEATLEY, Kevin. **A Guarita**. Orientador: Mauricio Lissovsky. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 146f.

### RESUMO

*A Guarita* é um roteiro de longa-metragem que busca ser, sobretudo, político. É um filme do gênero dramático, com estrutura de narrativa clássica dividida em três atos no qual a sucessão de eventos é pautada pela lógica da causalidade das ações tomadas por Vicente, protagonista ativo da trama principal. Consiste, essencialmente, na estória de um homem de meia-idade, acostumado a ser um coadjuvante da própria vida, que tenta se impor contra as influências de um grupo de milícia em uma vizinhança de classe alta do Rio de Janeiro. Nesta jornada, Vicente invadirá universos físicos e psicológicos desconhecidos, que desafiarão sua capacidade de manter-se fiel à própria ética. É uma estória que trata de preconceitos, das mortes que não ganham manchetes e das vidas que valem menos. Em um universo onde o Estado se ausenta, a justiça é regida pela lei da selva, em uma perpétua luta por poder. Tudo isso surge nas zonas de penumbra criadas pela trama protagonizada por Vicente, o herói trágico que tenta enxergar além dos antolhos, vencendo a própria letargia. Para isso, ele terá que enfrentar os interesses de uma classe social para qual a preservação do *status quo* é conveniente. No entanto, para os vizinhos da escuridão, a luz pode cegar e o sol pode arder.

**Palavras –chave:** cinema, roteiro, milícia.

### ABSTRACT

*A Guarita* is a feature film screenplay that attempt to be, above all, political. It's a dramatic genre film, with a classical narrative structure divided into three acts in which the sequence of events is guided by the logic of causality of the actions taken by Vicente, active protagonist of the main plot. It is essentially the story of a middle-aged man, accustomed to

being a supporting actor of his own life, who tries to impose himself against the influences of a militia group in an upper-class neighborhood of Rio de Janeiro. In this journey, Vicente breaks into unknown physical and psychological worlds that will challenge his ability to remain faithful to his ethics. It's a story that deals with prejudice, the deaths that don't make headlines and the lives that worth less. In a universe where the state is absent, justice is ruled by the law of the jungle, in a perpetual struggle for power. All this happens in a penumbra zone, created by the plot carried out by Vicente, the tragical hero who tries to look beyond the blinders, overcoming his own lethargy. For this, he has to strive against the militia forces and the social class to which the preservation of the status quo is convenient. However, to the neighbors of the darkness, the light can blind and the sun can burn.

**Keywords:** cinema, screenplay, police

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. PRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
2.1                    Concepção	da
Obra.....	12
2.2                    Público-	
alvo.....	14
2.3                    Perfil	dos
Personagens.....	15
2.4 Argumento.....	20
2.5 Escaleta.....	34
<b>3. DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>56</b>
3.1                    Estrutura	
Dramática.....	56
3.2 <i>This</i>	<i>is</i>
<i>End</i> .....	<i>the</i>
	60
3.3                    Narrador.....	61
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Disse Mario Quintana: “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.”<sup>1</sup> Ousando fazer uma sutil adaptação na frase do poeta gaúcho, substituo “livros” por “filmes” e assim encontro o que creio ser o poder que o cinema, como arte e arma política, disfarça entre seus *frames*.

Partindo dessa definição, esse projeto de conclusão de curso é sobre um filme que ambicionapretende ser político, ao mesmo tempo em que pretende alcançar, catarticamente, o âmago de uma audiência ainda virtual. Em linhas gerais, é a história de um homem de meia-idade, acostumado a ser um coadjuvante da própria via, que tenta se impor contra as influências de um grupo de milícia em uma vizinhança de classe alta. Nessa jornada, Vicente, o herói trágico que move a trama, invadirá universos físicos e psicológicos desconhecidos que desafiarão sua capacidade de manter-se fiel à própria ética.

A ideia de realizar um projeto final prático com a orientação próxima e individual de um professor especializado na área sempre me pareceu muito mais tentadora do que terminar meu ciclo acadêmico com um trabalho teórico e cerebral. A oportunidade é especialmente interessante considerando que não tive anteriormente a oportunidade (e talvez nem a coragem) de me arriscar a escrever um roteiro de um longa-metragem.

A base teórica que utilizei para nortear a produção desse trabalho é composta por uma tríade de livros de autores distintos. O primeiro manual de roteiro que li, *Story*, de Robert McKee, foi responsável por me incitar a olhar a arte de *storytelling* a partir de uma abordagem mais teórica e, de certa forma, científica. Foi também a primeira vez que me foi introduzido o conceito essencial da narrativa em três atos que apliquei nesse roteiro. O segundo livro, que considero o mais completo, abrangente e libertador dos três, é o *Roteiro de Cinema e Televisão*. Tudo o que se precisa saber, desde o tipo de narrador de um filme até a forma prática de se formatar um roteiro cinematográfico, está expresso nas quase quatrocentas páginas escritas por Flavio de Campos. Por último, mas não menos indicativo, estudei o método de *Beat Sheet* desenvolvido pelo roteirista estadunidense Blake Snyder

---

<sup>1</sup> Apesar de ser uma citação celeberramente atribuída ao poeta Mario Quintana, não foi possível encontrar sua fonte.

em seu livro *Save the Cat!* (sem tradução em português), que foi especialmente valoroso na estruturação do roteiro.

pesar O escritor W. Somerset Mizner disse que ``existem três regras para escrever ficção. Infelizmente ninguém sabe quais são elas`` (BUCHSBAUM, 2004, p. 317). Apesar das palavras irônicas de Mizner e das várias reservas que tenho em relação a manuais de roteiros, entre elas destaco o potencial engessante e a abordagem excessivamente comercial, estes podem ser essenciais ao aterrar algumas ilhas para aqueles que pela primeira vez se lançam na empolgante e angustiante tarefa de desenvolver um roteiro de longa-metragem, uma travessia que exige não menos resistência do que inspiração criativa. A capacidade de quebrar as regras impostas por esses manuais é essencial para o processo de tornar-se (ou evoluir como) um artista, no entanto entende-las e dominá-las, ao menos até certa medida, é parte do processo de formação de uma identidade estilística *sui generis*. Afinal, desde *Poética*, de Aristóteles, tem-se registro do estudo da estrutura narrativa e seus conceitos e axiomas são desenvolvidos, debatidos e aprimorados há séculos. Ignorá-los significa abrir mão de uma fonte de conhecimento do qual bebem, há séculos, gerações de estudiosos e cinematógrafos, desde produtores megalomaníacos de *hollywood* até despretensiosos roteiristas independentes sul-americanos.

## 2. PRÉ-PRODUÇÃO

### 2.1. Concepção da Obra

A inspiração para o desenvolvimento do roteiro veio de uma experiência pessoal que aconteceu quando eu ainda era adolescente e morava em um bairro de subúrbio ~~de subúrbio~~ rural carioca, afastado do centro da cidade, que serviu de base para o cenário da trama. Buscando uma maior segurança para a rua de barro e sem saída onde morávamos, os vizinhos se uniram para a construção de uma guarita que os separasse do restante do bairro, inclusive de uma pequena comunidade de moradores de baixa renda localizada no início da rua. A partir disso, um grupo de milicianos iniciou uma campanha silenciosa para semear o

medo e tentar assumir a vigilância da área. Diante da recusa da maioria dos condôminos em aceita-lo, uma sequência de incidentes estranhos e violentos acabou culminando no assassinato de Alexandre, morador da comunidade pobre e contratado para trabalhar na guarita. Esse episódio me marcou para sempre e só fui realmente entender todas as nuances da história muito mais tarde.

Assim nasceu a semente de premissa que daria o pontapé inicial no processo de criação deste roteiro: ``A instalação de uma guarita em uma vizinhança de classe alta instala a insegurança.``. O próximo passo foi imaginar o cenário onde essa história se passaria: uma rua de barro, esburacada e sem saída, símbolo da desigualdade social carioca-~~ao abrigar~~ abrigar tanto casas suntuosas reunidas uma ao lado da outra quanto uma comunidade de moradores pobres, localizada logo em seu início. A guarita seria erguida entre esses dois guetos sociais, como uma fronteira simbólica.

Seguidamente, o argumento foi desenvolvido a partir da premissa, com os personagens nascendo ao mesmo tempo em que a história era pensada. Ao longo do processo, percebi que algo havia de dissonante entre a trama principal e os personagens que nela flutuavam. O livro de Blake Snyder foi elucidativo e me auxiliou no processo de repensar o *ethos* dos personagens, em especial do protagonista.

Nas palavras do autor (2007, pg. 49):

Eu tenho que admitir, eu raramente começo a escrever um filme com o ``quem`` na cabeça. O mais comum é ter a ideia primeiro. E se o herói é parte da ideia – bem, isso é só o molho. Muitos vão lhe dizer coisas diferentes, e esta é só a minha metodologia, mas eu penso que o ``quem`` deve servir o ``sobre o que é`` (a estória) - não o inverso. E uma vez que você tenha aquela ideia de ouro, aquele *pitch* vencedor, aquele olhar perfeito e não tem ainda o exato ``quem``, essa é a hora de trabalhar para valorizar a ideia com os personagens certos, especialmente o herói da estória.<sup>2</sup>

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

<sup>2</sup> Trad. Nossa: I have to admit it, but I rarely begin writing any movie with the ``who`` in mind. More often is the idea first. And if the hero is part of the idea – well, that's just gravy. Many will tell you differently, and this is only my approach, but I think the ``who`` has to serve the ``what it is`` - not the other way around. And once you have that golden idea, that winning pitch, that perfect hook, and don't quite yet have the ``who``, it's time to go to work to enhance the idea with the right characters, especially the hero of the story.

**Formatado:** Cor da fonte: Automática

**Formatado:** Cor da fonte: Automática, Inglês (Canadá)

**Formatado:** Cor da fonte: Automática

Partindo dessa ideia, reiniciei totalmente o desenvolvimento do caráter dos personagens, bem como a história pregressa de cada um, de forma a encaixá-los na ideia central da trama, recusando o movimento inverso. Dessa maneira, originou-se o personagem Vicente com os traços e *background* que aparecem descritos neste relatório, no item 2.3, inculcando então a ele complexidade psicológica e um arco narrativo mais coerente com as peripécias do enredo no qual se imiscui.

## 2.2 Público-alvo

A estória narrada em *A Guarita* se passa em uma realidade que, em escala mundial, é muito peculiar. A existência de grupos paramilitares armados que atuam em zonas sombrias nas quais o Estado não consegue alcançar não é exatamente algo que se replica em todo o mundo. Obviamente, outros países do mundo subdesenvolvido e até mesmo desenvolvido, como Estados Unidos e França, também faziam problemas relacionados à segurança e à violência institucional imposta pela polícia. Entretanto, esses problemas normalmente adquirem uma roupagem diferente em cada país, dificultando a plena compreensão do contexto retratado em *A Guarita* por mercados estrangeiros.

Gostaria, no entanto, de mensurar esta questão de público-alvo sob uma perspectiva menos sociodemográfica, me utilizando de uma divisão da massa de consumidores de cinema em dois grandes grupos. O primeiro grupo é composto pelo tipo de espectador que enxerga o filme como, essencialmente, uma fonte de entretenimento, considerando a definição do verbo "entreter" no Dicionário Aurélio: "Distrair, desviar a atenção; divertir com recreação". Para o outro grupo, o valor de um filme é antes calculado pelo seu potencial de gerar reflexão crítica ou catarse e depois por sua qualidade de mera distração inconsequente. Em outras palavras, para este tipo de espectador um filme é, antes e primordialmente, uma obra de arte.

Talvez uma das perguntas essenciais que um roteirista deva articular sobre sua obra seja: para qual tipo de espectador quero transmitir essa mensagem? A resposta para essa questão refletirá de forma direta e abrangente em como o filme deve ser realizado, caso o intuito seja atingir o sucesso comercial. Em *A Guarita*, foquei o estilo narrativo com o

**Formatado:** Fonte: Negrito, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

intuito de atrair o segundo tipo. Assim, me permiti ser mais elíptico na elaboração do roteiro, crendo estar interagindo com um espectador ativo, que anseia pela ``liberdade de ``escrever`` a estória`` (CAMPOS, 2007, pg. 231) também.

Listo algumas das indagações que um leitor pode se deparar ao analisar o roteiro ao qual esse relatório se refere: Qual a razão para o desaparecimento do jardineiro? Quais os motivos que levam Vicente a se sacrificar? Por que Marisa destrói o disco na penúltima cena? Rocha e seus comparsas serão presos pelos crimes cometidos? Para ajudar o espectador a preencher com sua imaginação essas lacunas, foram colocados índices e pistas ao longo do roteiro.

Sobre a razão que levou Vicente a cometer sua atitude final, confesso não haver uma só resposta. A desilusão quanto à condição psicológica real da esposa, a perda de controle sobre todos os aspectos de sua vida, a destruição de suas folhas datilografadas, o desejo de salvar a vida de Alexandre ou a tentativa de incriminar Rocha e os comparsas com a gravação da câmera de vigilância: todos são motivos que podem justificar seu sacrifício, ou suicídio, tornando-se difícil e até irrelevante discutir se há um que se sobreponha como absoluto ou predominante.

Igualmente, várias razões podem ter motivado Marisa a destruir o vídeo que atestaria a causa do assassinato de Vicente e que, provavelmente, colocaria Rocha na cadeia: vingança pela forma como o marido acabara de trata-la ou receio de ser envolvida na investigação, acabando morta também. Confesso uma simpatia maior pela segunda alternativa, fazendo de Marisa uma alegoria do medo que empurra as pessoas ao conformismo e à inação.

### **2.3 Perfil dos Personagens**

#### a) VICENTE – O protagonista

Vicente Barbosa Callejo é um homem de 40 anos que não nasceu no Rio de Janeiro, mas se mudou para a cidade ainda criança, para um apartamento em um bairro nobre da

cidade. É o filho único de uma família burguesa e, assim, teve acesso a um estudo formal de qualidade que, somado ao seu ávido prazer por leitura e outras artes, o transformou em um homem erudito. Com a morte dos pais, vendeu o apartamento no qual moravam e se mudou para a casa que os pais haviam começado a construir e onde planejavam repousar durante a velhice. A opção por mudar para esta casa, localizada em um bairro na zona oeste do Rio de Janeiro, cravada entre o verde ainda bem conservado da mata atlântica carioca, se deu após Marisa, esposa de Vicente, desenvolver certa aversão ao estilo de vida acelerado do núcleo urbano da cidade. A casa em que mora é grande, extremamente organizada e foi construída ao redor de um extenso jardim.

Vicente é branco, mede 1,75m, pesa 70 quilos e usa uns óculos de estilo antigo, fora de moda. Fala de forma rebuscada, usando poucas gírias, e por vezes balbuciante, como se no fundo quisesse guardar para si cada palavra. Seus ombros se debruçam na direção do chão. Veste-se sempre com mais roupa do que o necessário, se cobrindo com um casaco mesmo nos dias de calor, talvez para esconder a franzinez do corpo, o que ironicamente a torna ainda mais aparente.

Se formou como jornalista e trabalhava em um grande veículo impresso, mas, apesar de sua inteligência e ótima qualidade de escrita, não foi capaz de subir na carreira por uma incompetência no trato social e nos relacionamentos interpessoais. Agora objetiva escrever um livro, que ele acredita ser uma forma de se manter ``vivo`` e de fazer algo significativo e perene antes de deixar o mundo. Tem uma visão classista da arte e ama música, pintura, cinema e, especialmente, literatura. No entanto, quando encontra um livro que julga extraordinário demais ele acaba por interromper a leitura, pois se sente oprimido pelo fato de não ser capaz de escrever algo tão brilhante.

Largou o emprego de jornalista para cuidar da esposa, que padece de doenças psicológicas, e é extremamente cuidadoso com ela, mas é visível que ela não nutre por ele o mesmo tipo de sentimento. O casamento dos dois parece pendurado por uma teia sobre um precipício: qualquer vento mais forte pode derrubá-lo. Ele se entrega devotamente à mulher, se prendendo à moribunda esperança de que ela melhorará e os dois terão filhos e uma família feliz, mas ela lhe retribui esse carinho com frigeidez. Ele é submisso a ela, que

aproveita a situação para sugar dele todo o seu tempo e energia. A dinâmica do casal é doentia.

Sua constantemente nas palmas das mãos, o que o faz evitar apertos de mão ao conhecer novas pessoas. É muito inteligente, o que paradoxalmente o faz se sentir fraco e com baixa autoestima. Há muito se acostumou a aceitar as coisas como são ou estão, sem lutar pelos seus desejos e vontades. É, em suma, um coadjuvante da própria história. Se tornará claro que ele está incomodado com o estado dessas coisas, mas falta-lhe forças para mudar o curso das águas.

É estrito em relação aos seus princípios morais, embora seja relapso e covarde demais para lutar para que eles se convertam em ações práticas que impactem o mundo. Aboliu da sua dieta o consumo de qualquer tipo de carne vermelha, por uma questão tanto social quanto ambiental. Tem medo de ser abandonado, de que sua vida não sirva a nada maior que ele próprio, que seu nome e seus feitos sejam enterrados simultaneamente com ele, ou pior: que talvez nunca tenham nascido.

#### b) MARISA – a esposa

Marisa Oliveira Callejo tem 35 anos, mede 1,65 e pesa 60 quilos. Sua pele é morena, graças a sua descendência cearense e seus olhos verdes. Ela chama a atenção pela beleza incomum. No tempo da história está um pouco magra demais. Seu rosto é normalmente frio e pouco convidativo a uma conversa, mas possui um meio sorriso que é, ao mesmo tempo, provocativo e confortante, com uma certa ternura melancólica. Tem a capacidade de ser empática e generosa, mas essas qualidades se encontram asfixiadas pelo seu medo patológico, que passou a definir seu caráter e suas motivações, ou ao menos seu perfil e suas ações.

Nasceu no interior do Estado do Rio de Janeiro, longe do litoral. Mudou-se para a capital ainda jovem, logo após completar 21 anos, ao casar-se com Vicente e perdeu o contato com os pais. Começou seus estudos universitários ao chegar na cidade, por incentivo de Vicente, em serviço social. Trabalhou com crianças e adolescentes infratores

em uma unidade de internação, mas foi dispensada graças ao seu perfil introspectivo e instável que prejudicava sua relação com os jovens. Não conseguiu encontrar outro emprego e passava muito tempo sozinha, agravando um quadro psicótico que já começara a se manifestar quando trabalhava na unidade de internação. Assim vive de idas e vindas à uma clínica psiquiátrica onde trata distúrbios psicológicos como paranoia e depressão.

Sua relação com Vicente começou a se degradar poucos anos após o casamento e a mudança para o Rio de Janeiro. Marisa, principalmente com o agravamento das doenças mentais, age como uma inválida na dinâmica com o marido. Paradoxalmente, ao exigir dele toda a atenção possível e torna-lo submetido às suas necessidades, ela também desenvolveu um certo desprezo por ele. A paixão que um dia eles tiveram transformou-se em cinzas, a sujar não só seu casamento, mas também tudo mais em suas vidas.

No início do filme aparece vestindo roupas de tom pastel e largas. Tem um moletom roxo e puído que usa quase como uniforme. No decorrer da trama, o substituirá por roupas mais leves e coloridas, de estilo um pouco hippie.

#### c) ALEXANDRE – o amigo e morador da comunidade

Alexandre tem 25 anos e, além de alto e musculoso, enfatiza sua presença física com uma postura resoluta, de peitoral inflado e costas eretas. Caminha revezando o peso do corpo entre uma perna e a outra, o que o incute um ar de altivez despreocupada, e com os braços afastados do tronco, aumentando a extensão que seu corpo parece ocupar no espaço. Veste-se com roupas de cores chamativas, como vermelho e laranja, ligeiramente curtas para o tamanho do corpo. Tem pele parda e cabelos enrolados, cortados curtos.

Vive com o irmão mais novo e o avô, doente há muitos anos e que por isso precisa de cuidado constantes. O pai de Alexandre, já morto, é visto por este como um ídolo e um mártir, por conta do seu engajamento em política e defesa das causas dos moradores da favela onde morava. Ele foi assassinado com 107 facadas em um incidente que acabou por também causar a morte da mãe de Alexandre. Não se descobriram os culpados e o avô,

temeroso, se mudou com os netos para a comunidade onde a família vive até os dias presentes.

O acontecimento funesto mudou a trajetória da família para sempre. A saúde do avô logo depois do incidente se degenerou e o irmão começou a se envolver com drogas e jogos de aposta. Alexandre achou uma forma menos autodestrutiva de superar o trauma, abraçando a música, especificamente o Rap, e começando a compor canções.

Alexandre é impetuoso, sociável e pertinaz. Seu bom humor é contagiante e é conhecido por todos na vizinhança. Por baixo de seu perfil autoconfiante, no entanto, se oculta uma vergonha por não ser capaz de seguir os passos do pai, lutando por causas maiores que si.

O avô de Alexandre o odeia tacitamente, graças à personalidade e feições similares às do pai, a quem ele culpa pela morte da filha, mãe de Alexandre. Apesar disso, Alex, como é chamado pelas pessoas mais próximas, se recusa a abandonar o ancião à própria sorte e à provável morte. Alexandre se sente acorrentado, oprimido por essa responsabilidade que promete ainda perpetuar-se por bastante tempo.

#### d) ROCHA – O líder da milícia

Rocha tem cerca de 40 anos, seu peso quase alcança os três dígitos e mede cerca de 1,85m. Sua voz é grave e, aliada à corpulência, dá a ele um ar extremamente intimidador. No entanto, é extremamente comedido em seus gestos e suas falas, dando a impressão que tem tudo sob controle a todo o tempo. Usa de seu sarcasmo frio para atizar as outras pessoas, ciente de que seu semblante ameaçador evita reações agressivas contra si.

Trabalhou por décadas como policial militar, mas abandonou o posto ao expandir o serviço de milícia que faz tanto em favelas quanto em vizinhanças de classe alta. É cético quanto a condição humana e crê, realmente, que cumpre uma função social importante de vigilância e controle de comunidade pobres. Seus métodos para manter as populações marginalizadas sob seu jugo são extremamente violentos e pratica a sua visão de justiça através da punição física daqueles julgados culpados. Acredita que a sociedade humana é

uma mera extensão do mundo selvagem e toda e qualquer relação humana é um constante confronto por poder.

#### 2.4 Argumento

Imagem feita por uma câmera de vigilância. Chove. É noite e um poste com defeito pisca algumas vezes, rápido demais para clarificar o que está em cena. Ouvem-se somente alguns sons; portas se abrindo, um carro buzinando, passos. Uma porta de madeira range ao abrir. Uma luz ativada por movimento se acende. Ela momentaneamente cega a câmera enquanto ouve-se uma voz masculina. Corta para:

VICENTE, 40 anos, magro e de ombros curvados, espera sentado no corredor de uma clínica psiquiátrica. Um PACIENTE, 50 anos e vestindo um avental branco, se aproxima e diz que ele não pode se sentar ali, que aquele não é o seu lugar. Vicente evita uma discussão e muda de assento. O homem insiste que ele deve mudar de lugar novamente. Uma ENFERMEIRA surge, e leva o homem para longe.

Vicente anda até a recepção da clínica, onde duas SECRETÁRIAS conversam. Uma delas está grávida e exala felicidade. Ela comenta o quão feliz o marido está com a oportunidade de ser pai. Vicente, impaciente, assiste à conversa e, após uma tentativa falhada, consegue finalmente chamar a atenção delas. Ele pergunta pela paciente Marisa Callejo e entendemos que não é a primeira vez que ela está internada nesta clínica.

Vicente interrompe a conversa com a secretária ao ver MARISA, 35 anos, magra e bonita, andando na sua direção. Ele abraça a esposa com carinho, mas ela é fria e tem o olhar perdido. Os dois caminham lado a lado, mas distantes um do outro. Ele tenta quebrar o gelo falando que finalmente conseguiu terminar o ``capítulo de introdução``. Ela lança um sorriso tímido, um misto de melancolia e ternura, que parece confortar o marido. Eles chegam até o carro e Vicente sugere voltar pela estrada da orla para aproveitar o pôr do sol, mas ela é seca e declina a proposta. Ela bate a porta deixando pouco espaço para um diálogo.

**Formatado:** Fonte: Negrito, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Negrito, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

Marisa entra na casa na qual mora com o marido, localizada em um bairro semi rural afastado cerca de duas horas do centro do Rio de Janeiro. A vizinhança da rua, sem saída e com solo de barro, é delimitada por duas partes radicalmente distintas, do ponto de vista socioeconômico. No início da rua há uma comunidade pobre com aproximadamente 200 moradores, os quais normalmente prestam serviços para as casas grandes construídas mais ao final da rua. As casas foram construídas em terrenos largos e ainda há muita mata nativa nessa região do bairro.

Ao entrar na casa pela sala, Marisa se espanta ao ver o chão repleto de velas vermelhas acesas, formando um caminho. Marisa segue por esse caminho, mas parece um pouco incomodada e atordoada com tantas luzes. Ela chega até o quarto e a cama está repleta de rosas. Marisa olha para Vicente espantada, parecendo não entender o que se passa. Ela pergunta quem ele pensa que ela é. Vicente não esperava essa reação e responde, balbuciante, que ela é sua esposa. Ela diz que não irá para a cama com ele só porque ele fez aquilo tudo, que ela não é qualquer uma. Vicente, sem saber o que dizer, só se desculpa e diz que não estava pensando em leva-la para cama, só queria fazer uma surpresa para ela, que não dormia em casa há meses. A tentativa romântica é um fracasso.

Marisa e Vicente tomam café juntos. Ele faz tudo para ela, serve-a de água, prepara seu pão, etc. Os dois estão calados e o silêncio da cena incomoda. O JARDINEIRO, 20 anos, magro, passa pela janela cumprimentando Vicente, que o convida a entrar para apresenta-lo à Marisa. Ela é discreta e de poucas palavras ao cumprimentar o Jardineiro, que a mira intensamente, e logo depois pede licença para voltar ao jardim.

Ela diz que não gosta dele, diz que há algo de suspeito em seu olhar. Vicente não gosta que ela tenha falado isso, mas disfarça. Diz que não há motivos para se preocupar, que ele é irmão de Alexandre, que também trabalhara na casa anos atrás.

Marisa observa desconfiada o Jardineiro trabalhar no terreno. Ela o destrata mais tarde, ao vê-lo dentro da cozinha bebendo água.

Muitas pessoas estão reunidas, em clima festivo, na casa de LUIS, 50 anos, cabelo grisalho e de modos grosseiros, que conta uma piada machista em uma roda de homens e mulheres. Ele sai da conversa e fala para todos se sentirem à vontade em sua casa. A

câmera anda e chega onde Vicente conversa com Marisa, PEDRO e SILVIA, ambos na faixa dos 50 anos e vizinhos de porta de Vicente. Marisa conta do desaparecimento de algumas de suas joias e diz ter certeza que o Jardineiro as roubou. Vicente tenta defender o Jardineiro, mas a mulher replica que seria coincidência demais as joias sumirem ao mesmo tempo que o próprio Jardineiro, que não ia trabalhar há vários dias. A conversa se desloca quase naturalmente para a situação da falta de segurança na rua. Luis passa no momento em que Vicente se posiciona, timidamente, mas de forma clara, contra a construção de uma guarita na rua e a entrada de uma empresa de vigilância. Ele explica que a vizinhança sempre foi calma e que uma guarita separando a área ``deles`` da comunidade pobre existente no início da rua é simbolicamente desagradável. Luis se inclui na conversa e, em tom de provocação, fala que a comunidade pobre e sua recente expansão é exatamente o problema. Vicente se prepara para responder, mas é interrompido por um grito de Luis, que chama ROCHA, 40 anos, corpulento e com ar ameaçador, para se juntar à conversa. Dirigindo-se a Vicente, Luis fala que esse é o seu amigo que trabalha com segurança particular e incita Vicente a falar para Rocha o que ele dissera pensar sobre esse tipo de empresa de segurança. Fica claro que Vicente reprovava, e já havia feito isso abertamente no passado, as atividades dessas firmas, que se constituem como espécies de células paramilitares marginais. Vicente pergunta, provocativamente, se a empresa dele trabalhava nas redondezas, se eles trabalhavam também na comunidade pobre do início da rua. No que Rocha responde que eles fazem sim alguns serviços ali para os moradores, Vicente pergunta se os moradores de lá haviam pedido os serviços de Rocha. A conversa tem uma tensão velada. Rocha se mantém impávido, confiante, enquanto Vicente treme, a voz demonstra nervosismo, situação que se vai tornando visível. Vicente se retira da conversa alegando ir pegar uma cerveja. Antes de se afastar ele ouve Marisa comentando com Rocha sobre o episódio do desaparecimento das joias.

De longe, Vicente observa Marisa conversar com Rocha. Ela parece muito à vontade. Os dois se despedem com um gesto amigável. Amigável demais para passar despercebido por Vicente e ele recebe aquilo como uma ofensa. Vicente toma Marisa pelo braço – a primeira vez em que não a trata como se fosse de porcelana – e abruptamente se dirige à porta de saída da casa. Rocha, posicionando-se rapidamente em seu caminho, saca

do bolso um cartão e entrega a ele, que o amassa e atira na lixeira logo antes de deixar a sala. Lê-se no cartão: ``Segurança Particular Ligue XXXX-XXX``.

Há uma reunião de condomínio na casa de Vicente. Cerca de 15 condôminos discutem sobre a criação de uma guarita. Luis argumenta que ela é essencial, que eles precisam se proteger, não é mais possível que eles fiquem tão vulneráveis e cita o exemplo do roubo das joias de Marisa. Todos parecem concordar com a necessidade da guarita e, assim, Luis avança para um ponto mais polêmico. Ele sugere colocar Rocha, ``que alguns de vocês inclusive já conhecem``, e sua empresa de segurança para cuidar da guarita e de tudo relacionado a vigilância da rua. Após demonstrar alguma relutância, os condôminos parecem concordar. Vicente, que até então permanecera silencioso e de braços cruzados, afirma em alto e bom tom que jamais colocará sua casa, a casa que seus pais construíram, e a segurança de sua esposa “na mão de bandido”. Faz-se um silêncio sepulcral. Luis, surpreso com a firmeza da voz de alguém acostumado a meros balbucios, acusa o golpe e demora a responder. Os dois argumentam e Vicente parece surpreendentemente confiante. Vicente fala que já escreveu matérias sobre a atuação dessas milícias e conhece bem seus modos de atuação. Luis diz lamentar que ele discorde, mas que, ali, Vicente é “voto vencido”. Vicente, após refletir um pouco, decide, enfim, que levará suas vontades à frente, não importando o quanto isso custe. Insinua, então, fazer uma chantagem: lembra aos presentes que os terrenos da região não são legalizados, e que muitas irregularidades foram cometidas durante as construções, inclusive o corte ilegal de árvores nativas. Vicente ressaltava seu conhecimento detalhado destes fatos, e veladamente, ameaça envolver todos na denúncia, caso seja aprovada a contratação da empresa de Rocha. Pedro, tentando acalmar os ânimos, pergunta qual a outra opção. Vicente se prontifica a encontrar alguém de confiança para cuidar da guarita. Esta solução fica então acordada por todos. A guarita começa a ser construída.

Vicente vai na comunidade pobre do início da rua procurar pelo jardineiro. Chove fino. Lama escorre pelos lados da ladeira que ele sobe a pé. Em um breve instante, um líquido cor de sangue desce misturado a lama, que logo volta ao normal. Vicente para em frente a uma casa com paredes de tijolos nus. Ele bate e é atendido por ALEXANDRE, 25 anos, alto, forte e confiante, que aperta a mão de Vicente calorosamente. Os dois ainda se

lembram um do outro. Alexandre convida o ex patrão a entrar. O AVÖ, 70 anos e miúdo, de Alexandre está sentado no sofá olhando fixamente para Vicente, de forma perturbadora. Alexandre explica que ele não está muito bem de saúde. Os dois seguem até os fundos da casa, passando pelo quarto de Alexandre, de onde vem uma música de rap que Vicente para dois segundos para escutar. Ele pergunta quem está cantando e Alexandre responde que é ele próprio. Vicente diz que gosta, mas não é exatamente o estilo de música que ele costuma ouvir. Em seguida os dois seguem para os fundos da casa e param na varanda. Vicente muda de assunto, perguntando do Jardineiro, e Alexandre conta que o irmão sumiu há mais de uma semana. Vicente não revela a razão de estar procurando por ele. Alexandre pergunta se pode substituir seu irmão no serviço de jardinagem e Vicente responde que Marisa não quer ninguém trabalhando na casa no momento, mas que talvez Alexandre possa fazer um período de teste como segurança da guarita. Os dois se despedem e Vicente sai de casa. Já descendo a rua, ele para com uma chamada de Alexandre perguntando se fará algo sexta à noite.

Vicente e Alexandre sobem a ladeira na comunidade pobre. Eles conversam sobre música e estilos musicais. Lê-se nas entrelinhas do diálogo que Alexandre não entende muito bem os estilos de música adorados por Vicente, que por sua vez não respeita a música de periferia, como o rap. Ao fundo, ouve-se uma música abafada e chiada de hip hop que vai se tornando mais alta à medida que os dois caminham.

Os dois chegam a um campo de várzea sobre onde montou-se um palco improvisado de madeira. HYAGO, 22 anos, tatuagens, ligeiramente gordo e explosivo, se aproxima e cumprimenta Alexandre. Ele fala com muitas gírias e extremamente rápido. Alexandre fala que vai começar a trabalhar como segurança da guarita que estão construindo na rua. Hyago se empolga e diz que se ele vai trabalhar como segurança ele precisa de uma arma. Ele levanta a camisa, mostra um revólver e diz que está vendendo. Vicente se segura para não transparecer seu espanto. Alexandre desconversa e diz que ainda precisa ser testado no posto. Hyago diz que nada faz você se sentir vivo como uma arma, que quando se tem uma todos o respeitam.

Vicente e Alexandre se juntam a um grupo que acompanha uma ``batalha de rimas``: duas pessoas ficam no meio de uma roda de pessoas discutindo através de rimas.

Hyago e outro homem se enfrentam em uma dessas batalhas. Hyago está perdendo e sendo ridicularizado pelo oponente, as pessoas em volta estão em êxtase. A música para e o oponente faz uma última rima que irrita Hyago. Hyago saca a arma e aponta para o ``opponente``. As pessoas correm, inclusive Vicente. Já longe ele começa a descer a ladeira quando Alexandre o alcança aos risos. Ele conta que Hyago nunca atirou em ninguém, que ele só anda com a arma descarregada e que ele sempre faz aquilo quando fica nervoso. Vicente se acalma e desacelera o passo. Alexandre debocha do medo de Vicente em levar um tiro e isso leva os dois a uma conversa sobre medo de morrer. Vicente fala que teme deixar a vida sem ter feito nada que dure, sem deixar um legado. Eles se despedem quando Alexandre fala em voltar para o show, mas Vicente prefere ir para casa.

Vicente, absorto, está sentado na escrivaninha de seu escritório em frente a uma máquina de escrever. Ele passa os dedos sobre as teclas. O papel está em branco. Ele pega um lápis sobre a mesa e brinca com ele, passando de um dedo a outro. Em seguida, ele segura o lápis como se fosse uma pistola e aponta para a janela. O silêncio da madrugada é despedaçado pelos berros de Marisa. Ela diz que há alguma coisa no quarto, que não consegue dormir e pede que Vicente vá lá. Ele vira os olhos com impaciência, como se a cena fosse recorrente. Ele aponta o lápis na direção do quarto, sem falar nada. Diante do seu silêncio ela chama novamente. Ele aponta o lápis para a própria cabeça e aperta o gatilho imaginário, fechando os olhos logo depois. Marisa agora grita mais alto, o que faz com que Vicente abra os olhos e responda. Ele deixa o escritório.

Alexandre dorme no seu quarto, um cômodo apertado e desordenado. As roupas se acumulam umas sobre as outras, formando uma grande pilha. O telefone toca e a câmera o segue enquanto ele se levanta e alcança o telefone, no andar de baixo da casa. Sem escutar quem está do outro lado da linha, Alexandre fala que “sim”, que pode ligar para “ele”. Em seguida, ele desliga o telefone e pega o celular. Vê-se ele escrevendo uma mensagem de texto: “Tá a fim de vender a arma hoje?”.

Vicente se arruma para sair e pega várias notas em uma caixa. Marisa encosta no batente da porta, e o observa, calada. Ela pergunta se ele realmente precisa sair, se irá voltar a tempo de fazer seu almoço, etc. Vicente diz que ela vai ter que fazer seu próprio almoço hoje. Ela diz que está preocupada com ele, que ele não deveria ter assumido a

responsabilidade pela segurança. Ele responde que não teve outra opção, que fez isso para preservá-los e que tudo está sob controle. Mas ela parece não levar sua fala em consideração, e repete, insistentemente, que ele está em perigo, mas que ela já sabe o que fazer para protegê-lo. Ele diz que ela realmente precisa fazer alguma coisa: “o que você precisa é voltar a fazer as coisas que sempre fez, começando pelo seu almoço”. Dizendo isso, ele lhe dá um beijo no rosto e sai de casa.

Na casa de Hyago, que mesmo vazia consegue ser desarrumada, este pega um REVOLVER e começa a falar suas características. Vicente, ao lado de Alexandre, entrega um bolo de notas na mão de Hyago, que conta uma a uma. Ouve-se um barulho no outro lado da sala. Um menino de cerca de 6 anos, filho de Hyago, deixa um brinquedo cair perto de um tabuleiro coberto de cocaína. Hyago aponta a arma para o menino e manda ele ir para o quarto e ficar longe do tabuleiro. Vicente se assusta com o que viu e pede para cancelar o negócio. Hyago se irrita, pois presume que Vicente desaprova a forma como ele educa o filho. Alexandre intervém para acalmá-los e Hyago coloca Vicente a prova, instigando-o a fazer uma rodada de “roleta russa” apontando para a cabeça de Alexandre. Tudo se resolve sem sangue, mas não sem tensão, e Vicente leva a arma.

Marisa, com os cabelos molhados e enrolada em uma toalha, está sentada olhando para um tabuleiro de xadrez com um jogo já iniciado. Ao seu lado há uma REVISTA de vida marinha aberta em uma página com a foto de uma concha onde se lê o título da matéria: “O poder milagroso das conchas”. Ela sorri quando vê Vicente. Ele se senta e os dois começam a jogar xadrez enquanto conversam. Ela diz que foi à praia nessa tarde. Ele se surpreende. Ela conversa de forma sensata, racional. Ela diz que já descobriu como resolver tudo entre eles e que vai conseguir salvá-los. O rosto de Vicente se ilumina; pensa que talvez a esposa ainda consiga recuperar a sanidade, e que talvez eles ainda consigam ter uma vida normal.

Vicente conversa com DR. PAULO, 55 anos, careca, negro, sobre o estado de Marisa. Vicente fala que ela parece estar muito melhor ultimamente e ele está otimista com isso. Paulo concorda, mas ratifica a importância de se manter cauteloso, ainda. Vicente pergunta se ele acredita que ela possa voltar ao normal “a tempo”. Entendemos que ele se refere a ter filhos. A conversa revela certa intimidade entre os dois.

Vicente espera por Marisa no corredor da clínica, na mesma cadeira que se sentou na vez anterior que esteve na clínica. O mesmo paciente da vez anterior passa em frente a sua cadeira. Ele ameaça dizer algo a Vicente, que o encara de braços cruzados, mas o paciente acaba seguindo reto sem incomodá-lo. Marisa aparece pelas costas de Vicente e o abraça. Marisa pede que Vicente a deixe na praia. Ele não parece imediatamente agradado com o pedido, mas concorda.

Ela sai do carro e diz que ele não precisa ficar, pois ela voltará de ônibus. Marisa sai do carro e dá um beijo amoroso na boca dele, pela primeira vez no filme. Um sorriso se abre enquanto ele a vê correr para a areia. Um sorriso de esperança. Vicente, tranquilo como há muito não se sentia, adormece enquanto observava a esposa na areia. A tarde já vai caindo, mas ela continua lá, aparentemente catando conchas. Ele liga o carro e vai embora.

Vicente digita freneticamente em sua máquina de escrever, uma folha após a outra, quase sem intervalo. Ao final, estica o peito e respira fundo. Ele nunca se sentiu tão bem. Ele abre com uma chave a gaveta da escrivaninha. Lá está a arma que comprou, ele junta as novas folhas datilografadas na grossa pilha de folhas, sob a arma, e fecha a gaveta. Vicente vai até o quarto, dá um beijo no rosto de Marisa, adormecida, e deita ao lado dela.

Alexandre e Vicente treinam tiro mirando em garrafas de cerveja. Uma obra acontece perto e eles esperam algum trator fazer barulho para atirar. No restante do tempo, conversam. Alexandre pergunta quando Vicente deixará a arma com ele. Vicente, sorrindo: ``Você ainda está em teste, lembra?`. Em realidade, Vicente já está apegado à arma e experimenta a sensação de poder que ela lhe proporciona.

Vicente e Alexandre bebem cerveja. Conversam animadamente. Entra Rocha, seguido de mais dois HOMENS, e senta-se sobre uma mesa de sinuca. Ao passar por Vicente, Rocha o olhou de soslaio e fingiu não o ter reconhecido. Rocha cumprimenta o dono do bar, que parece assustado, e pergunta, jocosamente, se acabou a cerveja do outro lado da guarita. Uma a uma, as pessoas vão saindo do bar. Alexandre faz um sinal para Vicente, sugerindo que eles saiam também. Vicente o ignora e se volta, esticando o pescoço, para mirar Rocha. Os dois se encaram por dois segundos. Rocha fala sobre a nova

guarita e sobre o novo segurança, se referindo a Alexandre. Entendemos que a guarita está finalizada e Alexandre já trabalha nela há alguns dias. A fala é interrompida por um barulho de copos se chocando. Os poucos ainda presentes no bar se voltam para olhar. Um dos comparsas de Rocha segura o dono do bar pela gola, imprensando-o contra a parede. Rocha faz um sinal e o homem arrasta o dono do bar para um quarto nos fundos do estabelecimento. Os dois saem de cena. Rocha pergunta quem aceita uma partida de sinuca. Ninguém responde. Rocha diz que soube que o irmão de Alexandre, o ex-jardineiro de Vicente, andava devendo para algumas pessoas por ali. Diz que não gosta de devedores na sua área e que qualquer dia iria procurá-lo para deixar isso claro. Alexandre ameaça se levantar para bater de frente com Rocha, mas Vicente se levanta mais rápido e desafia o líder dos milicianos para uma partida de sinuca, que aceita. Vicente faz a jogada inicial.

Time-lapse de bolas percorrendo a mesa. Agora restam somente 5 bolas. O bar está completamente vazio; permanecem somente Rocha, um comparsa dele, Vicente e Alexandre, este ainda sentado na mesma cadeira do início da cena. Às vezes se escutam sons abafados, que parecem gemidos de dor, vindos dos fundos do bar. Somente jogam Rocha e Vicente e este último sugere uma aposta. Vicente pergunta quanto o dono do bar deve a Rocha e, antes de esperar a resposta, propõe que a dívida seja quitada e ele será solto, caso Vicente vença a partida. Rocha aceita, mas com a condição de que ele assuma a guarita, caso Vicente perca. Alexandre, que escuta tudo atentamente, faz um sinal com a cabeça, pedindo que Vicente recuse a aposta; mas este mais uma vez ignora o conselho do amigo e aperta a mão de Rocha, selando o acordo.

Entende-se que Rocha precisa acertar duas bolas, mais a bola preta, para vencer. Ele acerta as duas primeiras. Atrás de Vicente, o comparsa de Rocha bate o taco ritmadamente no chão, contribuindo para a tensão da cena. Na última bola, a câmera observa do ponto de vista de uma caçapa da quina. No fundo, em foco, está Vicente esperando a jogada final. Rocha golpeia a bola com força e encaçapa a bola preta. Ainda com a câmera imediatamente atrás da caçapa, observamos, ao fundo, a expressão de decepção de Vicente. Enquanto isso, na direção da câmera, a bola branca percorre a mesa lentamente (o foco a segue), no movimento de rebote da tacada final, até cair lentamente na caçapa. O foco volta a Vicente no fundo, agora triunfante, pois encaçapar a bola branca

significa perder o jogo. Vicente aponta com a cabeça para o quarto dos fundos e diz a Rocha: “Pague o que deve. Não gosto de devedores na minha área”. Rocha se aproxima lentamente de Vicente com o taco na mão, os rostos separados por centímetros. Vicente permanece inabalável. Rocha diz algo ameaçador, depois sai do bar com seus dois comparsas.

Alexandre diz a Vicente que aquilo foi totalmente estúpido. Vicente não entende, uma vez que ganhou o jogo e, portanto, a aposta. Alexandre responde que ele não entende mesmo, que aquele jogo ele não pode ganhar. E vai aos fundos ajudar o dono do bar.

Um carro corta acelerado o silêncio da rua de barro. Ele para na guarita e Alexandre sai para atender. Uma arma salta da janela, com o cano apontando para ele.

Alexandre aparece sentado no chão, amarrado à guarita. Ele sangra e parece debilitado. A câmera detém-se, em *close*, no rosto expressivo de Alexandre. Ele ameaça dizer algo, mas leva um soco. Depois, alguém abre sua boca e enfia uma bola de sinuca dentro. Ouve-se a voz de Rocha dando ordens. Em sons: um porta-malas se abre, um corpo é arrastado. Acompanhamos o olhar desesperado de Alexandre. Som de correntes se chocando. Rocha lhe conta que aquilo foi um pedido de Marisa e do próprio Vicente, após o Jardineiro ter sumido com as joias dela. O olhar de Alexandre é de puro horror.

Sequência de *closes*: sangue misturado no chão de barro, uma corrente enrolada em um braço, joias penduradas em um pescoço salpicado de sangue, dois pés suspensos no ar. Uma bola de sinuca preenchendo toda uma boca. O plano abre e volta a visualizar todo o rosto de Alexandre, adormecido. Alguém o acorda gentilmente e tenta tirar a bola de sua boca. Ao perceber quem é, ele balança a cabeça, impedindo a ajuda e negando-a. Ouve-se a voz de Vicente, que finalmente consegue retirar a bola da boca de Alexandre. Este começa a insultar Vicente com todo o ódio que é capaz de sentir. Chama-o de traidor, de burguês, diz que tudo aquilo é culpa dele. Pedro se junta para tentar soltar Alexandre, enquanto este continua ofendendo Vicente. Livre das amarras, Alexandre pula em cima de Vicente e lhe dá um soco no rosto. Pedro e os outros condôminos tiram Alexandre e o seguram. Câmera abre em plano médio. Vicente está em uma poça de lama e tenta se levantar. Um pouco atrás dele, vemos o corpo do Jardineiro acorrentado à haste da cancela. Seu rosto está

coberto e pendurado em seu pescoço há vários colares. Seu torso está repleto de facadas, mas sua camisa vermelha disfarça um pouco o sangue. Preso em sua mão há um cartão amassado escrito ``Segurança Particular Ligue XXX``. Vicente tira o casaco branco que usa e coloca sobre o torso ensanguentado do Jardineiro. O sangue invade o casaco e agora salta na tela, graças ao contraste com o branco. Vicente pega o cartão e sai.

Três adolescentes, de aproximadamente 16 anos, andam pela rua. Fumam e conversam sobre qualquer coisa. Eles passam pela guarita. Não há ninguém dentro e não há mais marcas de sangue na cancela. Eles param em frente ao portão de Vicente. Um deles fala que ouviu do pai que o dono daquela casa é o culpado pelo que aconteceu na semana passada com o jardineiro. Eles têm a ideia de pichar algo no portão e assim fazem.

Sequência de tomadas em Jump cut: Vicente se esforçando para limpar a palavra ``CULPADO``, pichada em vermelho sobre o portão. A sequência termina com Vicente no topo de uma escada móvel, parecendo instalar algo sobre o portão (mais tarde se entenderá que é uma câmera de vigilância). Vemos que ele não conseguiu apagar toda a pichação e metade das letras continua visível. Luis se aproxima e chama Vicente, que vira a cabeça lentamente, tentando ser o mais antipático e arrogante possível. Luis pergunta se ele pode descer da escada, pois precisa lhe entregar algo. Vicente desce alguns degraus somente, o suficiente para esticar a mão e pegar o papel que Luis segura. Ele lê atentamente enquanto Luis explica que os membros da associação optaram por desativar o funcionamento da guarita e demitir Alexandre enquanto a polícia investiga a morte do Jardineiro. O papel que Vicente segura é uma declaração, assinada por quase todos os condôminos, alegando que estes estavam em desacordo com a colocação de um vigia noturno sem experiência prévia nenhuma, como Alexandre, e que Vicente tomou essa decisão de forma arbitrária. Luis disfarça seu contentamento em um sorriso contido. Vicente joga algum produto que parece ser detergente no papel e começa a esfregar no portão, voltando à tarefa de apagar a pichação.

No cemitério, Vicente observa de longe o enterro do Jardineiro. O avô deste, de cadeira de rodas, é acompanhada por um homem mais velho. Alexandre não aparece no grupo que acompanha o enterro. Após o enterro e todo irem embora, vê-se Vicente, em pé olhando para a lápide do jardineiro de perto. Um funcionário do cemitério se aproxima e

avisa que ele precisa ir embora, pois o cemitério está fechando. ``É hora de deixar os mortos descansarem``, diz o funcionário.

Vicente entra em sua casa e descobre que ela foi invadida. Ele corre até o escritório, arrebatado pela situação. A sua escrivaninha foi despedaçada, provavelmente por um machado, e partes dela alimentam uma pequena fogueira que arde no centro do cômodo. Juntam-se na fogueira livros, a máquina de escrever e suas centenas de páginas datilografadas. A arma que estava dentro da gaveta sumiu. Temos um vislumbre breve de um televisor ligado logo atrás de uma poltrona. Vicente sai à procura de Marisa pela casa. Ele a encontra encolhida no quarto, enrolada em uma coberta. Ele pergunta o que houve, quem fez aquilo na casa. Ela diz não saber, que se escondeu quando começou a ouvir barulhos na sala. Ela pergunta se foi o Jardineiro que arrombou a casa. Ele se cala e senta-se ao lado dela. Percebendo a desolação estampada no rosto do marido, Marisa se aproxima e dá nele um beijo no rosto e diz para ele não se preocupar, pois ela já sabe como salvá-los do perigo. Vicente ignora as palavras, mas o beijo tira ele do torpor. Ele a beija de volta, agora na boca, mas ela está relutante e não o beija de volta. Ele retira com força o cobertor que ela usava para se cobrir. Sua mão agarra a nuca de Marisa com força e ele inclina seu corpo sobre ela. Ela tenta, timidamente, repeli-lo, mas ele é impetuoso nos seus gestos. Ele começa a tirar a roupa de Marisa, que agora já se debate freneticamente, tentando livrar-se dele. Finalmente ela consegue agredi-lo e ter meio segundo para escapar, mas na fuga derruba o armário. De dentro deste, caem algumas caixas e centenas de conchas saltam, se espalhando na cama. Ela se atira sobre as conchas, tentando recolhe-las desesperadamente. Ele olha para aquilo sem entender. Ele pergunta para que servem aquelas conchas, por que ela as tem. Ela ignora. Ele repete a pergunta e tenta tocar seu ombro, mas ela se esquiva ariscamente. Ela grita palavras desconexas sobre proteção, que conchas servem para proteção, que são extremamente resistentes, que ele não entende. Sem saber o que dizer, Vicente sai do quarto e anda até o escritório.

Ele se senta na poltrona, desolado. Ele descobre que, afinal, a esposa estava ainda muito longe de encontrar o caminho de volta à sanidade. Tudo que ele pensou ter alcançado era uma ilusão. Atrás dele, vemos um televisor que transmite a imagem feita por uma câmera de vigilância que aponta para a frente do portão de Vicente. Um carro entra na tela

da câmera de vigilância, mas Vicente não está olhando para a tela e não sabe disso. Ouve-se uma buzina de carro que começa a tocar incessantemente. Vicente, após algumas buzinas, se levanta e sai de casa, mas não antes de olhar para o televisor e pegar um canivete suíço.

Vicente abre a porta de casa e anda lentamente até o portão. Seu passo se assemelha ao de alguém que se encaminha para a guilhotina. Chove. Ao abrir a porta que dá acesso à rua, ele avista Rocha e mais quatro comparsas encostados em um carro. O ombro do líder dos milicianos sangra. Sem falar nada, Rocha faz um sinal e os dois comparsas tiram Alexandre do porta-malas e o jogam no chão enlameado da rua. Alexandre está ensanguentado e seus pés e mãos estão atados por uma fita, que também serve para prender uma arma na boca dele. É a arma de Vicente que sumiu, que estava na gaveta com seus escritos. Rocha explica que Alexandre quis se vingar da morte do irmão – ele aponta para o ombro ensanguentado. ``Acontece``, continua Rocha, ``que na verdade foi você que matou o Jardineiro. Tudo se encaixa. Ele roubou você e sua esposa. Você o achou e aplicou a sua noção de justiça, que eu admiro. Depois, ao descobrir isso, nosso amigo aqui foi atrás de você, vocês discutiram e você o matou com a tua arma. Com as tuas digitais.``

Rocha fala que Vicente tem duas opções. ``Você pode mandar eu me foder e ir embora. Nesse caso, o cadáver do nosso amigo aqui vai aparecer no terreno baldio aqui do lado. Eu mesmo vou achar e vou me encarregar da investigação. Não vai ser difícil achar a arma do crime (aponta para a arma) e você vai preso pela morte dos dois irmãos``. Vicente fixa os olhos em Alexandre. Rocha continua: ``A segunda opção é mais interessante. Eu sumo com o corpo dele e ninguém vai descobrir quem o fez. Claro que todos nós aqui sabemos que vai ter sido você, mas eu estou disposto a te ajudar nessa. Em troca, a gente cuida da segurança aqui do bairro por um preço generoso. Pra escolher essa opção você só precisa apertar um botão (apontando novamente para a arma)``.

Vicente anda até Alexandre e, hesitante, coloca a mão na arma. Ele pergunta, retoricamente, pois sabe que Alexandre não pode responder, por que ele queimou seus escritos. Ele aponta a ponta da arma para baixo, obrigando Alexandre a torcer seu pescoço. Ele pergunta de novo por que ele fez aquilo. Vicente chuta Alexandre e depois o levanta, para em seguida arremessa-lo na lama, longe de Rocha e dos outros. Vicente caminha

agressivamente na direção de Alexandre de novo e coloca a mão em suas costas como se fosse levantá-lo, mas, a pedido de Rocha, os comparsas o tiram de cima de Alexandre e o empurram para onde estava no início da cena.

Vicente para, encara Rocha e diz, calmamente, que vê outra opção. ``Posso te matar.`` Rocha abre um sorriso. A luz ativada por sensores de movimento se apaga e quando acende Vicente está com a mão direita dentro da jaqueta. Rocha, acompanhado de todos os seus comparsas, apontam a arma para Vicente. ``Tira essa mão daí. Não vale a pena. Você não tem chance, você nunca teve chance``, fala Rocha. Vicente olha de soslaio para Alexandre, que com um canivete termina de cortar a fita que amarra seus pés. Entendemos que Vicente entregou-lhe esse canivete quando o “atacou”. Vicente saca rapidamente a mão do casaco e é alvejado dezenas de vezes. Ele desaba no chão em câmera lenta, em contraluz, e os braços fazem a forma de uma cruz, tombando como um mártir. De sua mão direita, cai um cartão amassado onde se lê ``SEGURANCA PARTICULAR LIGUE XXX``. Rocha e os comparsas se demoram alguns segundos, em seguida entram apressadamente no carro. Eles notam, sem entender, que Alexandre sumiu.

A câmera sobe e se afasta lentamente, ao mesmo tempo em que a imagem vai descolorindo até se transformar em uma imagem de câmera de vigilância. Ela fica estagnada por alguns segundos, enquanto assistimos Rocha e os outros entrarem no carro apressadamente. A câmera se afasta ainda mais, deixando de se parecer com uma câmera de vigilância para revelar-se dentro do escritório de Vicente. Marisa está acompanhando pelo televisor tudo que acontecia em frente ao portão de Vicente. Junto com ela, observamos enquanto o carro parte em retirada. Acompanhamos, então, os movimentos de Marisa: ela aperta o botão de ejetar e pega com as duas mãos o CD que gravara tudo recebido pela câmera. Ela olha o CD e o aperta junto ao peito. Em seguida, ela anda vagarosamente até a fogueira que ainda está acesa no centro do escritório e repousa no topo dela, calmamente, o CD. Enfim, Marisa se encolhe em um canto do escritório e se enrola em um cobertor. O CD queima lentamente na fogueira.

Em uma lápide vemos esculpido: ``VICENTE CALLEJO BARBOSA 1976 - 2016``. Logo embaixo lê-se o epitáfio. A câmera se afasta e gira, passando a ver a lápide de cima. Uma mão invade o quadro e se apoia, carinhosamente, no topo da lápide. A mão

repousa ali por alguns segundos e, ao sair de quadro, deixa uma moeda de 25 centavos sobre a pedra. A câmera sobe lentamente, se afastando da cena. Aparece Alexandre em frente à lapide. Apoiado nela, há um buquê de rosas brancas. Um pouco longe da lápide, o funcionário do cemitério cava uma cova. A câmera continua subindo...

## 2.5 Escaleta

### EXT. RUA/ PORTÃO DE VICENTE – NOITE

Imagem feita por uma câmera de vigilância. Chove. É noite e um poste com defeito pisca algumas vezes, rápido demais para clarificar o que está em cena. Ouvem-se somente alguns sons; portas se abrindo, um carro buzinando, passos. Uma porta de madeira range ao abrir. Uma luz ativada por movimento se acende. Ela momentaneamente cega a câmera e ouve-se uma voz masculina. Corta para:

### INT. CLINICA PSIQUIÁTRICA/CORREDOR – TARDE

VICENTE, 40 anos, magro, ombros curvados e cobertos por um casaco bege folgado, espera sentado no corredor de uma clínica psiquiátrica. Um PACIENTE, 50 anos e usando um avental, se aproxima dele lentamente, arrastando os pés no chão, e ordena, de forma dura, mas não exatamente agressiva, a Vicente que mude de lugar. Vicente levanta a cabeça para olhar o homem e pergunta o porquê. O paciente repete a ordem, adicionando que ele não pode ocupar aquele lugar, que aquele lugar nunca foi dele. Vicente, conformado, entende que o homem não é são e muda para o assento ao lado, tentando evitar o confronto. O homem segue Vicente arrastando os pés. Ele repete a mesma sentença anterior e adiciona que ele (Vicente) precisa voltar ao lugar que é dele. Vicente se levanta novamente, impaciente, mas dócil, e pergunta onde seria o lugar dele. O paciente faz que não sabe com

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Vermelho, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Negrito, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

os braços. Nesse momento uma ENFERMEIRA surge e pega o paciente pelo braço, pedindo desculpas a Vicente pelo incômodo.

Vicente anda até a recepção da clínica, onde duas SECRETÁRIAS conversam. Uma delas está grávida e exala felicidade. Ela comenta o quão feliz o marido está com a oportunidade de ser pai. Vicente, impaciente, assiste à conversa e, após uma tentativa falhada, consegue finalmente chamar a atenção delas. Ele pergunta pela paciente Marisa Callejo. Entendemos que não é a primeira vez que ela está internada nesta clínica.

Vicente para de conversar com a secretária ao ver MARISA, 35 anos, magra e bonita, andando na sua direção. Ela deixa-se abraçar frigidamente e tem os olhos fundos e o olhar perdido, sem expressar nenhum entusiasmo pelo reencontro com o marido. Os dois caminham pelo corredor lado a lado, mas afastados fisicamente. Ele, com uma animação que soa forçada, fala que tem tanta coisa para contar, diz algo sobre um acontecimento do mundo, mas ela o interrompe declarando que já sabe de tudo disso, que as enfermeiras a mantêm informada. Ele tenta novamente puxar assunto e diz que conseguiu finalmente terminar ``aquele capítulo``. Ela olha para ele e dá seu meio sorriso peculiar: um misto de ternura e melancolia. O casal sai para...

#### EXT. CLINICA/ESTACIONAMENTO – TARDE

Vicente fala que o dia está lindo, que pensou em voltar pela estrada da orla, enquanto abre a porta do carona para ela. Marisa diz que o mar está agitado e prefere voltar pelo caminho de dentro. Vicente, pacientemente, diz que queria parar na praia com ela, talvez comer algo admirando o pôr do sol. Ela o interrompe e diz que só quer chegar em casa logo. Ela entra no carro e bate a porta, deixando pouco espaço para um diálogo.

#### INT. CASA DE VICENTE/SALA – NOITE

Marisa entra na casa e se depara com a sala repleta de velas vermelhas acesas no chão, formando um caminho que leva a outro cômodo da casa. Marisa segue o caminho, com Vicente logo atrás, mas parece um pouco incomodada, talvez atordoada com tantas luzes. Vemos a partir do ponto de vista dela, com as luzes brilhando excessivamente, dando à situação um aspecto fantasmagórico.

## INT. CASA DE VICENTE/QUARTO – NOITE

Ela chega até o quarto e espantada passa o olho sobre a cama, coberta por várias rosas vermelhas. Ela pergunta o que é isso tudo. Ele pega uma rosa da cama e entrega a ela, com gestos um tanto patéticos. Ela diz que as rosas têm espinhos e pergunta como irá se deitar assim. Tentando manter o clima romântico, mas já visivelmente constrangido, Vicente responde que vai tirar antes deles se deitarem. Ela, se sentindo ultrajada, pergunta quem ele pensa que ela é de achar que eles iriam transar só porque ele fez isso tudo. Vicente não esperava essa reação e, balbuciante, diz que não é nada disso, que só queria agradecer sua esposa que provavelmente estava com saudades de casa. Ele se desculpa. Ela diz que acha melhor ele dormir no escritório por enquanto.

## INT. CASA DE VICENTE/COZINHA – DIA

Marisa e Vicente tomam café da manhã na cozinha, que tem uma ampla janela que dá acesso ao jardim. Vicente arruma a mesa, coloca manteiga, geleia, etc, enquanto Marisa permanece sentada. Percebemos a relação desequilibrada do casal: Marisa é totalmente dependente dos cuidados de Vicente, criando uma dinâmica que acaba por oprimir os dois de formas diferentes. Os dois se servem calados e o silêncio da cena incomoda.

Marisa vê o JARDINEIRO, 20 anos, magro, olhar agudo, trabalhar no terreno. Ela pergunta quem é e Vicente replica que é o novo Jardineiro. Ele o chama e faz a apresentação entre os dois. Ela acena discretamente para o Jardineiro, que acena de volta e a mira intensamente, logo antes de pedir licença para voltar aos serviços. O Jardineiro sai. Ela diz que não gosta dele, diz que há algo de suspeito no jeito que ele olhou para ela. Vicente não gosta que ela tenha falado isso, mas disfarça. Ele diz que não há motivos para se preocupar, que o jardineiro é irmão de Alexandre, que também trabalhara na casa anos atrás.

## INT. CASA DE VICENTE/COZINHA – DIA

Marisa entra na cozinha e se assusta em ver o Jardineiro de costas para ela. Na janela, diretamente ligada ao jardim, há um facão. O Jardineiro se vira e diz ``bom dia, dona Marisa``. Ela devolve um ``bom dia`` murcho e pergunta se ele precisa de alguma coisa ali (em subtexto, entende-se que ela quer verdadeiramente saber porque ele está dentro da

casa). Ele percebe o desconforto dela em tê-lo ali e aponta para o copo d'água que tem na mão. Silêncio desagradável. O Jardineiro pergunta algo e os dois estabelecem uma rápida conversa. Ela tira um bolo da geladeira e pergunta se ele quer. Ele diz que aceita e se aproxima. Quando ela vira de costas para cortar um pedaço ele vê uma pequena aranha, inofensiva, em suas costas. Ele passa a mão para tirar o animal e assusta Marisa, que se vira com a ponta da faca apontada para ele. O jardineiro reage dizendo que havia um bicho em suas costas. Ela deixa a faca do lado do bolo e sai da cozinha sem dizer nada.

#### INT. CASA DE VICENTE/JARDIM – DIA

O Jardineiro cava a terra com uma enxada. Marisa o observa através do canto da janela, levantando sutilmente a cortina. Close da enxada levantando a terra. Em seguida close de uma foice capinando mato. Em seguida close de uma tesoura de poda. Em seguida close de um facão cortando bananeiras. As imagens começam a se misturar e se confundir, bem como o som de cada ferramenta. Esse frenesi vai acelerando até ficar rápido demais para distinguir qual ferramenta faz o que. Abruptamente o som para no mesmo momento em que vemos a cortina se fechando e Marisa saindo da janela.

#### EXT. CASA DE VICENTE/JARDIM – TARDE

O Jardineiro, suado, sobe a ladeira que dá na cozinha da casa, mas para antes de entrar. Sobre a mesa, do lado de fora, há uma jarra d'água e um copo. Ele entende o recado.

#### INT. CASA DE VICENTE/SALA – TARDE

Vicente retira os sapatos logo antes de entrar em casa. Ele grita alto avisando que chegou em casa. Nota-se como a sala e tudo mais na casa é organizado e limpo. Ele vai para o...

#### INT. CASA DE VICENTE/QUARTO – TARDE

Vicente entra no quarto e vê Marisa, nervosa, com as mãos em um monte de joias espalhadas pela cama, como que procurando algo. Vicente pergunta o que houve e ela responde que não consegue achar uma de suas joias. Ela acusa o Jardineiro de tê-la roubado. Vicente diz que tem certeza que não foi ele e que Marisa acabará achando a joia,

como sempre. Ele deixa transparecer sua impaciência. ``De qualquer forma, amanhã pergunto se ele viu algo por aí``, diz Vicente.

#### EXT. CASA DE LUIS/QUINTAL – DIA

LUIS, 50 anos, cabelo grisalho e de modos grosseiros, conta uma piada machista em uma roda de homens e mulheres. Ele sai da conversa e fala para todos se sentirem à vontade em sua casa. A câmera anda e chega onde Vicente conversa com Marisa, PEDRO e SILVIA, ambos na faixa dos 50 anos e vizinhos de porta de Vicente. Marisa conta do desaparecimento de algumas de suas joias e diz ter certeza que o Jardineiro as roubou. Vicente tenta defender o Jardineiro, mas sua esposa replica que seria coincidência demais as joias sumirem ao mesmo tempo em que o próprio Jardineiro, que não ia trabalhar há vários dias. A conversa se desloca quase naturalmente para a situação da falta de segurança na rua. Luis passa no momento em que Vicente se posiciona, timidamente, mas de forma clara, contra a construção de uma guarita na rua e a entrada de uma empresa de vigilância. Este explica que a vizinhança sempre foi calma e que uma guarita separando a área ``deles`` da comunidade pobre existente no início da rua é simbolicamente desagradável. Luis se inclui na conversa e, em tom de provocação, fala que a comunidade pobre e sua recente expansão é exatamente o problema. Vicente se prepara para responder, mas é interrompido por um grito de Luis, que chama ROCHA, 40 anos, corpulento e com ar ameaçador, para se juntar a conversa. Dirigindo-se a Vicente, ele fala que esse é o seu amigo que trabalha com segurança particular e incita Vicente a falar para Rocha o que ele dissera pensar sobre esse tipo de empresa de segurança. Fica claro que Vicente reprovava, e já havia feito isso abertamente no passado, as atividades dessas firmas, que se constituem como espécies de células paramilitares marginais. Vicente pergunta, provocativamente, se a empresa dele trabalhava nas redondezas, se eles trabalhavam também na comunidade pobre do início da rua. No que Rocha responde que eles fazem sim alguns serviços ali para os moradores, Vicente pergunta se os moradores de lá haviam pedido os serviços de Rocha. A conversa tem uma tensão velada. Rocha se mantém impávido, confiante, enquanto Vicente treme, a voz demonstra nervosismo, situação que se vai tornando visível. Vicente se retira da conversa alegando ir pegar uma cerveja. Antes de se afastar ele ouve Marisa comentando com Rocha sobre o episódio do desaparecimento das joias.

De longe, Vicente observa Marisa conversar com Rocha. Ela parece muito à vontade. Os dois se despedem com um gesto amigável. Amigável demais para passar despercebido por Vicente e ele recebe aquilo como uma ofensa. Vicente toma Marisa pelo braço – a primeira vez em que não a trata como se fosse de porcelana – e abruptamente se dirige à porta de saída da casa. Rocha, posicionando-se rapidamente em seu caminho, saca do bolso um cartão que entrega a Vicente, que este amassa e atira na lixeira logo antes de deixar a sala. Lê-se no cartão: ``Segurança Particular Ligue XXXX-XXXX``.

#### EXT. RUA – TARDE

Vicente está sentado e Pedro, passeando com um rottweiler negro, se aproxima e se senta também. Pedro pergunta de Marisa. Um vira-lata grande que passava pela rua se estranha com o rottweiler, preso pela coleira. O rottweiler, maior, late mais alto e expulsa o vira-lata. Vicente pergunta porque Pedro não adentra seu cão para evitar que faça isso. Pedro diz que não deve adentrá-lo, aquela é a natureza dele e é bom que seja assim. Ele faz isso para defender seu território. ``É natural``, diz Pedro. O cachorro volta a latir.

#### INT. CASA DE VICENTE/SALA – NOITE

Um cachorro late ao fundo, mas logo para. Há uma reunião de condomínio na casa de Vicente. Cerca de 10 condôminos discutem a criação de uma guarita. Luis, que parece mediar a reunião, argumenta que ela é essencial, que eles precisam se proteger, não é mais possível que eles fiquem tão vulneráveis e cita o exemplo do roubo da joia de Marisa. Todos parecem concordar com a necessidade da guarita, exceto Vicente, que permanece silencioso e de braços cruzados. Luis avança para um ponto mais polêmico. Ele sugere colocar Rocha, ``que alguns de vocês inclusive já conhecem``, e sua empresa de segurança para cuidar da guarita e de tudo relacionado à vigilância da rua. Demonstrando alguma relutância, os condôminos parecem concordar. Vicente olha absorto pela janela e é acordado do marasmo por latidos de cachorro vindos de algum terreno vizinho. Luis, para se certificar, confere se todos estão de acordo com a entrada da empresa de Rocha na guarita. Agora desperto, Vicente afirma com expressividade que jamais colocará sua casa, a casa que seus pais construíram, e a segurança de sua família “na mão de bandido”. Faz-se um silêncio sepulcral. Luis, surpreso com a firmeza na voz de alguém acostumado a meros

balbucios, acusa o golpe e demora um pouco a responder. Os dois expõem seus pontos de vista e Vicente parece surpreendentemente confiante. Vicente fala que já escreveu matérias sobre a atuação dessas milícias e conhece bem o tipo de controle exercido por elas nas favelas. Luis diz, debochadamente, que lamenta a sua discordância, mas que, ali, ele é “voto vencido”. Vicente, após refletir um pouco, decide, enfim, que levará suas vontades a frente, não importando o quanto isso custe. Insinua, então, fazer uma chantagem: lembra aos presentes que os terrenos da região não são legalizados, e que muitas irregularidades foram cometidas durante as construções, inclusive o corte ilegal de árvores nativas. Vicente ressalta seu conhecimento detalhado destes fatos e, veladamente, ameaça envolver todos na denúncia, caso seja aprovada a contratação da empresa de Rocha. Pedro, tentando acalmar os ânimos, pergunta qual a opção que Vicente sugere. Ele se prontifica a encontrar alguém de confiança para cuidar da guarita. Esta solução fica então acordada por todos, até por Luis, que acredita no fracasso de Vicente a frente de qualquer coisa.

EXT. RUA – DIA

Dois homens trabalham na construção da guarita.

EXT. COMUNIDADE POBRE/RUA – DIA

Chove fino. Lama escorre pelos lados da ladeira que Vicente sobe a pé. Em um breve instante, um líquido cor de sangue parece descer misturado a lama, que logo volta ao normal. Vicente para em frente a uma casa de paredes de tijolos nus. Ele bate e é atendido por ALEXANDRE, 25 anos, alto, forte e confiante, que aperta a mão de Vicente calorosamente. Alexandre convida o ex patrão a entrar.

INT. CASA DE ALEXANDRE/SALA - DIA

O AVO, 70 anos e miúdo, de Alexandre está sentado no sofá olhando fixamente para Vicente, de forma perturbadora. Alexandre explica que o velho não está muito bem de saúde. Os dois seguem até os fundos da casa, passando pelo quarto de Alexandre, de onde vem uma música de rap que Vicente para dois segundos para escutar. Ele pergunta quem está cantando e Alexandre responde que é ele próprio. Vicente diz que gosta, mas não é exatamente o estilo de música que ele costuma ouvir. Os dois seguem para...

## EXT. CASA DE ALEXANDRE/QUINTAL - DIA

Vicente muda de assunto, perguntando do Jardineiro, e Alexandre conta que o irmão sumiu há mais de uma semana. Vicente não revela a razão de estar procurando por ele. Alexandre pergunta se pode substituir seu irmão no serviço de jardinagem e Vicente responde que Marisa não quer ninguém trabalhando na casa no momento. Alexandre enfatiza a necessidade de arrumar algum trabalho, graças também aos custos para cuidar do avô. Vicente pergunta se Alexandre tem alguma experiência com vigilância e segurança e ele responde que serviu ao exército por dois ``longos`` anos. Diz que saiu por mau comportamento e que essa é a única diferença entre o exército e a prisão. Vicente concorda que ele faça um período de teste trabalhando da guarita, assim que terminada sua construção. Os dois se despedem e Vicente sai da casa.

## EXT. COMUNIDADE POBRE/RUA - DIA

Já descendo a rua, Vicente para com um chamado de Alexandre perguntando se ele gostou mesmo da música e, diante da resposta afirmativa, perguntando se ele quer ir a um evento na comunidade na sexta-feira à noite. Relutante, Vicente agradece mas diz que acha melhor não. Alexandre: ``Por que não?``. Vicente fica sem resposta.

## EXT. COMUNIDADE POBRE/RUA - NOITE

Vicente e Alexandre sobem uma ladeira, a mesma que anteriormente vimos Vicente subindo, enquanto conversam sobre música e estilos musicais. Lê-se nas entrelinhas do diálogo que Alexandre não entende a música pomposa adorada por Vicente, que por sua vez não respeita muito o valor da música de periferia, como o rap. No fundo, ouve-se uma música abafada e chiada de hip hop que vai se tornando mais alta à medida que os dois caminham.

## EXT. COMUNIDADE POBRE/CAMPO DE VÁRZEA – NOITE

Vicente e Alexandre chegam a um campo de várzea sobre onde montou-se um palco improvisado de madeira. Cerca de 50 pessoas estão no local. Barracas brancas, também bem rudimentares, servem cervejas a uma fila de homens e mulheres. HYAGO, 24 anos, tatuagens, baixo, ligeiramente gordo e explosivo, se aproxima e cumprimenta Alexandre.

Ele fala com muitas gírias e extremamente rápido. Ele pergunta algo a Vicente, que diz não ter entendido nada que ele falou – esse não é o mundo que Vicente conhece, ele é quase um estrangeiro ali. Alexandre fala que vai começar a trabalhar como segurança da guarita que estão construindo na rua. Hyago diz que se ele vai trabalhar como segurança ele precisa de uma arma. O jovem tatuado levanta a camisa, mostra um revólver e diz que está vendendo. Vicente se segura para não transparecer seu espanto. Alexandre desconversa e diz que ele ainda precisa ser testado no posto, não está nada certo, etc. Hyago diz que nada faz você se sentir vivo como uma arma, que todos te respeitam.

#### EXT. COMUNIDADE POBRE/RODA DE RAP - NOITE

Vicente e Alexandre se juntam a um grupo que assiste a uma ``batalha de rimas``: duas pessoas ficam no meio de uma roda de pessoas discutindo através de rimas, como Alexandre explica para Vicente. Hyago e outro JOVEM se enfrentam em uma dessas batalhas. Hyago está perdendo e sendo ridicularizado pelo oponente. As pessoas em volta estão em êxtase. A música para e o oponente faz uma última rima que irrita Hyago. Os dois discutem e Hyago tira a arma. As pessoas correm, inclusive Vicente.

#### EXT. COMUNIDADE POBRE/RUA

Já longe do local, Vicente coloca as mãos nos joelhos, cansado de tanto correr. Alexandre o alcança logo depois, aos risos. Vicente discute com Alexandre, pergunta porque ele está rindo. Ele conta que Hyago nunca atirou em ninguém, que ele só anda com a arma descarregada e que ele sempre faz aquilo quando fica nervoso. Leva algum tempo, mas Vicente acaba se acalmando e retomando o folego. Os dois riem juntos.

#### EXT. COMUNIDADE POBRE/RUA

Alexandre e Vicente estão sentados sobre uma laje, os pés de Alexandre balançam no ar, enquanto os de Vicente estão para cima. Alexandre tem um baseado na mão. Vicente diz que está tentando escrever um livro baseado em si mesmo, mas ele fica sempre mudando. Complementa: ``Há um poeta que diz que o escritor publica um livro para se livrar dele, do contrário ficaria corrigindo-o para sempre.`` Alexandre pergunta quem é o poeta e Vicente responde: ``Não é mais. Borges, era argentino e morreu há mais de 30 anos...``. Após um

curto silêncio, Alexandre pergunta: ``É por isso que você quer escrever um livro? Digo, para as pessoas continuarem falando de você daqui a 100 anos?``. ``Talvez... Durar mais que a vida.``. Alexandre pergunta a Vicente se ele estaria satisfeito com o que fez em vida se tivesse morrido hoje. Vicente diz que não está satisfeito com o que fez e nem com o que é. Alexandre diz: ``Eu sei como é. Se você não tomar cuidado, você acaba agindo como as pessoas querem que você aja. Dócil, inofensivo. E se você continuar assim você realmente acaba se tornando o que elas esperam de você. Isso foi o pouco que meu pai teve tempo de me ensinar.`` Alexandre diz que seus pais eram engajados em política, batiam de frente com todo mundo. Com a polícia, com os engratados, com traficante. Já imaginando a resposta, Vicente pergunta onde eles estão agora. Alexandre conta que isso aconteceu antes deles se mudarem com o avô para esta comunidade. Um dia entraram na casa e esfaquearam o pai e botaram fogo na casa. A mãe conseguiu carregar o corpo para fora, mas também morreu por conta da fumaça aspirada. ``Acharam 107 facadas no meu pai``. Ele comenta que para matar uma pessoa não é necessário mais do que 5 ou 6. Alexandre repete o número. ``107.`` ``Quem quer que tivesse a faca na mão queria matar algo além dentro dele. Algo que não morre.`` Vicente pensa alguns segundos antes de perguntar: ``Se ele soubesse que ia morrer, você acha que ele preferiria ter feito diferente? Ter vivido diferente?``. Alexandre: ``Meu pai está morto, mas ainda tá vivo. Tem gente que está viva, mas já tá morta. O que você prefere?``

#### INT. CASA DE VICENTE/ESCRITORIO – NOITE

Vicente, absorto, está sentado em sua escrivaninha em frente a uma máquina de escrever. Vemos no fundo do quadro um sofá, com um travesseiro e um lençol desarrumado. Ele passa os dedos sobre as teclas do datilógrafo. O papel está em branco. Ele pega um lápis sobre a mesa e brinca com ele, passando de um dedo a outro. Em seguida, ele segura o lápis como se fosse uma pistola e aponta para a janela. O silêncio da madrugada é despedaçado pelos berros de Marisa. Ela diz que há alguma coisa no quarto, que não consegue dormir e pede que Vicente vá lá. Ele vira os olhos com impaciência, como se a cena fosse recorrente. Ele aponta o lápis na direção do quarto, sem falar nada. Diante do seu silêncio ela chama novamente. Ele aponta o lápis para a própria cabeça e aperta o gatilho imaginário, fechando

os olhos logo depois. Marisa agora grita mais alto, o que faz com que Vicente abra os olhos e responda que está indo.

INT. CASA DE ALEXANDRE/ QUARTO – DIA

Alexandre dorme em um cômodo apertado e desordenado. As roupas se acumulam umas sobre as outras, formando uma grande pilha. O telefone toca e a câmera o segue enquanto ele se levanta e alcança o telefone, no andar de baixo da casa. Sem escutar quem está do outro lado da linha, Alexandre fala que “sim”, que pode ligar para “ele”. Ele desliga e pega o celular. Vê-se ele escrevendo uma mensagem de texto: “Tá a fim de vender a arma hoje?”.

INT. CASA DE VICENTE/ COZINHA – DIA

Vicente entra na cozinha, abre a geladeira e começa a arrumar sozinho o café da manhã. Marisa está sentada na mesa, esperando. Ele repousa algumas coisas na mesa e ela toma a iniciativa de organizá-los; pratos, talheres, geleia, manteiga, etc. A atitude proativa surpreende Vicente. Ela começa a contar de um pesadelo que teve, no qual Vicente se afogava no mar, e ele se senta ao seu lado. É nítida a maior proximidade do casal nessa cena, em comparação à primeira cena em que os dois aparecem tomando café da manhã.

Vicente diz que adorava o mar de ressaca quando era mais novo. Ele conta: “Na verdade eu tenho uma história parecida com o seu sonho. Foi logo depois dos meus pais comprarem o apartamento em Ipanema. Um cachorro caiu na correnteza e não conseguia sair. Não tinha quase ninguém na praia. Eu pulei pra tentar salvar o cachorro, mas o mar acabou me engolindo também. Fiquei meia hora levando caldo até que conseguiram me tirar. Eu lembro até hoje do desespero nos olhos do meu pai. “É pra você aprender a ter medo de mar!”. Nunca mais eu enfrentei uma ressaca.”

Os dois ficam alguns segundos em silêncio e ele avisa que sairá mais tarde. Ela pergunta se ele realmente precisa sair, se ele vai voltar a tempo de fazer seu almoço. Vicente diz que ela vai ter que fazer seu próprio almoço hoje. Ela diz que está preocupada com ele, que ele não deveria ter assumido a responsabilidade pela segurança. Ele responde que não teve outra opção, que fez isso para preservá-los e que tudo está sob controle. Mas ela parece não levar

sua fala em consideração, e repete, insistentemente, que ele está em perigo, e que ela já sabe o que fazer para protegê-lo. Ele diz que ela realmente precisa fazer alguma coisa: “o que você precisa é voltar a fazer as coisas que sempre fez, começando pelo seu almoço”. Dizendo isso, lhe dá um beijo no rosto e sai.

#### INT. CASA DE HYAGO/ SALA – DIA

Na casa de Hyago, que mesmo vazia consegue ser desarrumada, este pega um REVOLVER e começa a falar suas características. Vicente, ao lado de Alexandre, entrega um bolo de notas na mão de Hyago, que conta uma a uma. Ouve-se um barulho no outro lado da sala. Um menino de cerca de 6 anos, filho de Hyago, deixa um brinquedo cair perto de um tabuleiro coberto de cocaína. Hyago aponta a arma para o menino, manda ele ir para o quarto e ficar longe do tabuleiro. Vicente se assusta com o que viu e pede para cancelar o negócio. Hyago se irrita, pois presume que Vicente desaprova a forma como ele educa o filho. Alexandre intercede e tenta acalmar Hyago, dizendo que eles vão sim levar a arma, que está tudo certo. Vicente estica a mão para pegar a arma, como se concordasse com Alexandre. No entanto, Hyago diz que agora não sabe se Vicente merece a arma. Hyago tira uma bala do bolso e coloca no tambor da arma. Ele gira o tambor e a coloca na mão de Vicente. Ele segura sua mão e a faz apontar para a cabeça de Alexandre. Hyago o compele a apertar o gatilho, enquanto Alexandre observa calado. Hyago sugere que talvez Vicente prefira tentar com a própria cabeça e tenta fazer a mão de Vicente dobrar e apontar para si próprio. Entretanto, Vicente endurece o braço, de forma a continuar apontando para Alexandre. Hyago percebe e debocha disso. Hyago grita para que ele aperte o gatilho, repetidas vezes. Hyago para com a “brincadeira”, rindo: “Tá, já deu. Tem que puxar o cão pra atirar, cuzão. Tu achou mermo que eu ia deixar tu matar o cara na minha casa? E depois, quem é que ia limpar a porra do sangue?”.

#### EXT. RUA - DIA

Vicente pergunta, irritado, se Alexandre sabia que a arma não dispararia sem puxar o cão. Ele responde que sim, essa era uma brincadeira que faziam com os garotos mais novos na favela, para testá-los. Vicente pergunta porque então ele não disse lá na hora que estava vazio. Vicente reclama que está irritado por ter ajudado a sustentar o vício de Hyago, que

inclusive coloca em risco o menino. Alexandre o conforta dizendo que alguém como Hyago não pode ter uma arma e que, no fim das contas, Vicente fez uma boa ação, afinal antes ele estando drogado do que armado. Vicente parece concordar e pergunta se passou no teste. Alexandre, misterioso e sarcástico, responde que depende do que se está testando.

#### EXT. CASA DE VICENTE/VARANDA FRONTAL – TARDE

Marisa, com os cabelos molhados e enrolada em uma toalha, está sentada olhando para um tabuleiro de xadrez com um jogo já iniciado. Ao seu lado há uma REVISTA de vida marinha aberta em uma página com a foto de uma concha onde se lê, de relance, o título da matéria: ``O poder milagroso do mar``. Vicente aparece subindo a escada que dá acesso à varanda. Ela abre um meio sorriso para ele, que o interpreta como um convite a conversa. Ele pergunta porque ela está molhada. Ela diz que foi a praia de tarde. Os dois tem um pequeno conflito. Ele pende entre demonstrar inquietude por ela ter ido sem ele ou apoio por ela ter tomado uma atitude de independência, mas explicita mais o primeiro sentimento. Vicente se comporta de forma possessiva e ciumenta. Ela o convence de que não houve nada demais em sua atitude, que, afinal, ele mesmo a sugeriu que fizesse coisas sozinha. Vicente comenta, como se a estivesse testando, que ela não gostava de praia. Ela diz, em tom de mistério: ``Talvez eu esteja mudando.`` Os dois jogam xadrez enquanto conversam. Ela diz que foi bom passar um tempo na praia, que sentia falta do ar fresco, da total liberdade. Após um silêncio, ela acrescenta que pode ter achado uma forma de salvá-los. Ela parece sensata, racional, sã. O rosto de Vicente se ilumina: acredita ver uma esperança da esposa recuperar a saúde mental, talvez eles ainda possam formar uma família e ter uma vida normal. Ela pergunta como ele está e Vicente responde: ``Vivo!``. Marisa diz ``xeque`` e Vicente olha para o tabuleiro.

#### EXT. TERRENO BALDIO – DIA

Alexandre e Vicente treinam tiro mirando em garrafas de cerveja. Uma obra acontece perto e eles esperam algum trator fazer barulho para atirar. No restante do tempo, conversam. Alexandre: ``Meu avô dizia que eu era igualzinho ao meu pai... Ele odiava meu pai.`` Vicente: ``E agora? O que ele diz?``. ``Mais nada. Agora ele olha a vida passar pela tela da televisão. Ele me odeia, eu sei. Ele odeia todo mundo desde que minha mãe morreu.``

Vicente: ``O que seu avô tem?``. Alexandre: ``Não sei. Ninguém sabe. Acho que é só desgosto mesmo. Mas eu tenho que cuidar dele, né. É o que filhos ou os filhos dos filhos fazem. É o que diferencia a gente dos animais, a gente continua se encontrando com os pais, aturando os avós, cuidando dos avós. Às vezes eu quero sumir, cara, ir pra qualquer lugar. Abrir um bar na esquina da puta que pariu e ficar lá. Meu avô tá errado, eu não tenho nada a ver com meu pai``. Alexandre, mudando de assunto, pergunta quando ficará com a arma. Vicente, sorrindo: ``Você ainda está em teste.``. Em realidade, Vicente já está apegado à arma e experimenta a sensação de poder que ela lhe proporciona.

#### INT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA/ SALA – TARDE

Vicente conversa com DR. PAULO, 55 anos e careca, sobre Marisa. Vicente fala que ela parece estar muito melhor ultimamente e ele está otimista com isso. Paulo ratifica a importância de se manter cauteloso, ainda. A conversa revela certa intimidade entre os dois. Vicente pergunta se ele acredita que ela possa voltar ao normal ``a tempo``. Entendemos que ele se refere a ter filhos. Paulo responde que quando se trata de um paciente com histórico de delírios e paranoia o prognóstico é sempre muito imprevisível.

#### INT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA/ CORREDOR – TARDE

Vicente espera na mesma cadeira onde apareceu sentado na primeira cena do filme. O mesmo paciente que na vez anterior o demandou a troca de cadeira passa na frente de Vicente. Ele para e olha fixamente para Vicente, que o encara de braços cruzados, mas acaba seguindo reto sem incomodá-lo. Marisa aparece pelas costas de Vicente e o abraça. Marisa pede que Vicente a deixe na praia. Ele não parece imediatamente agradado com o pedido, mas concorda.

#### EXT. PRAIA – TARDE

Ela sai do carro e diz que ele não precisa ficar, pois ela poderá voltar sozinha de taxi. Marisa sai do carro e dá um beijo amoroso na boca dele, pela primeira vez no filme. Um sorriso se abre enquanto ele a vê correr para a areia. Um sorriso de esperança.

#### INT. CARRO – TARDE

Vicente, tranquilo como há muito não se sentia, adormece ao espiar a esposa na areia. A tarde já vai caindo enquanto ela continua lá, aparentemente catando conchas. Ele liga o carro e vai embora.

EXT. RUA/ GUARITA – NOITE

Vicente passa de carro e cumprimenta intimamente Alexandre, que já começou a trabalhar na guarita. Vicente sugere que os dois se encontrem no dia seguinte.

INT. CASA DE VICENTE/ ESCRITÓRIO – NOITE

Vicente digita freneticamente em sua máquina de escrever, uma folha após a outra, quase sem intervalo. Ao final, estica o peito e respira fundo. Ele nunca se sentiu tão bem. Ele abre com uma chave a gaveta da escrivaninha. Lá está a arma que comprou, debaixo de uma pilha de folhas. Ele junta as novas folhas datilografadas à pilha e fecha a gaveta.

INT. CASA DE VICENTE/ QUARTO – NOITE

Vicente dá um beijo no rosto de Marisa, adormecida, e se deita ao lado dela.

INT. COMUNIDADE POBRE/ BAR – TARDE

Vicente e Alexandre estão sentados, cada um com um copo de cerveja. Rocha, junto de mais dois HOMENS, entra no bar e senta-se sobre a mesa de sinuca. Ele olha de soslaio para Vicente ao passar por ele e finge não o ter reconhecido. O som ambiente do bar abaixa consideravelmente. Rocha cumprimenta JOÃO, 60 anos e dono do bar, que parece assustado, e pergunta, jocosamente, se acabou a cerveja do outro lado da guarita. Algumas pessoas começam a ir embora. Alexandre faz um sinal com a cabeça para Vicente, sugerindo que eles saiam também. Vicente o ignora e faz um sinal para o dono do bar, apontando para a garrafa de cerveja que está na mesa. João retira uma cerveja do freezer, mas Rocha o interrompe no meio do caminho e pega a garrafa. Rocha agradece, ironicamente, e pede mais três copos. O bar agora está praticamente vazio. Rocha pergunta quem ali quer jogar uma partida de sinuca. Diante do silêncio, exceto por alguns risos debochados dos seus capangas, Rocha diz, se dirigindo a Alexandre: ``Como está seu irmão? Ainda está? Soube que tem gente procurando ele, que ele anda devendo... avisa a

ele que eu não gosto de devedores por aqui! ``. Alexandre levanta da cadeira agressivamente, como se se preparasse para confrontar Rocha, mas Vicente levanta ao mesmo tempo e se coloca entre os dois, dizendo que aceita uma partida de sinuca, chamando assim a atenção para si. Os dois se encaram por dois segundos. Rocha entrega um taco a Vicente, sugerindo que ele comece, e ele dá a primeira tacada.

Time-lapse das bolas percorrendo a mesa e sumindo. Agora só restam 5 bolas na mesa. Várias garrafas de cerveja se acumulam sob a mesa de sinuca. Rocha diz para Vicente: ``...não. Você não sabe o que é violência, a sua vida sempre teve muros e guaritas protegendo da verdadeira violência. Da violência que explode do lado de fora. `` Vicente, ironicamente: ``E vocês são os que acabam com a violência... com mais violência``. Rocha: ``Nós acabamos com a injustiça. A gente tapa os buracos deixados por quem deveria resolver. `` Rocha faz um sinal para João, que responde que a cerveja acabou e se desculpa. Um homem vai na direção do dono do bar. Rocha continua: ``Nós limpamos essa merda toda. Ninguém está preocupado com isso aqui, vocês estão cagando para isso e cagando nisso. E não dá para limpar a merda sem sujar a mão. `` Ouve-se um barulho de copos quebrando. Vicente e Alexandre, assustados, só observam enquanto o comparsa de Rocha levanta o dono do bar pela gola e o espreme contra a parede. Rocha: ``O seu João, por exemplo, ele está me devendo há duas semanas. Todos os estabelecimentos aqui dessa rua pagam em dia...`` De novo um barulho de copos quebrando interrompe a fala. Rocha, se virando para o comparsa: ``Porra, não tá vendo que eu tô tentando conversar? Leva ele pros fundos, caralho! ``. O comparsa obedece. Rocha continua: ``Todo mundo aqui paga em dia. Não é justo com eles que o João não pague. `` Vicente pergunta quanto o dono do bar deve a Rocha e, sem esperar a resposta, diz que paga a dívida dele. Rocha responde que não se trata de dinheiro. Diz que tudo ali faz parte de uma espécie de jogo, onde ele é julgado pelos movimentos que faz. ``Um jogo``, acrescenta, ``que você não entende as regras. Nem nunca vai entender. `` Vicente tem o olhar perdido estacionado na mesa de sinuca. Como se de repente atingisse uma certa clareza de ideias, Vicente diz: ``Decidimos isso jogando então. `` E ele faz um sinal com a cabeça apontando para a mesa. ``Se eu ganhar você esquece a dívida do seu João. `` Rocha replica: ``E se eu ganhar, a segurança da guarita fica comigo. `` Vicente olha para Alexandre, que faz um sinal negativo com a cabeça. Ouve-se

um gemido do quarto para onde o comparsa de Rocha levou o dono do bar. Vicente aperta a mão de Rocha, selando a aposta.

É a vez de Vicente jogar e ele acerta a bola. Entendemos que agora só lhe resta acertar a bola preta para vencer. Quando Vicente vai dar a tacada um comparsa de Rocha que estava em pé atrás dele esbarra no seu taco e prejudica a jogada. Vicente erra e se vira na direção do comparsa de Rocha, que o encara impavidamente. Resignado, Vicente anda até a outra quina da mesa e espera a jogada de Rocha. Este acerta a primeira tacada e a segunda. Restam somente duas bolas na mesa e se Rocha encaçapar a preta ele ganha. Atrás de Vicente, o comparsa de Rocha bate o taco ritmadamente no chão, aumentando a tensão da cena. Na última bola, a câmera observa do ponto de vista de uma caçapa na quina da mesa. No fundo, em foco, está Vicente esperando a jogada final. Rocha golpeia a bola com força e acerta o alvo. Ainda com a câmera imediatamente atrás da caçapa, observamos, ao fundo, a expressão de decepção de Vicente. Enquanto isso, na direção da câmera, a bola branca percorre a mesa lentamente (o foco a segue), no movimento de rebote da tacada final, até cair na caçapa. O foco volta a Vicente no fundo, agora triunfante, já que a queda da bola branca significa que Rocha perdeu o jogo. Vicente aponta com a cabeça para o quarto dos fundos e diz a Rocha: “Pague o que deve. Não gosto de devedores na minha área”. Rocha se aproxima lentamente de Vicente com o taco na mão, os rostos separados por centímetros. Vicente permanece inabalável. Rocha grita o nome do seu comparsa, que sai do quarto dos fundos com as mãos manchadas de sangue. Rocha: “Quando é matar ou morrer, você é igual a mim. Um dia você vai aprender isso e suas mãos vão estar tão sujas quanto as minhas. E alguém como eu vai estar lá para limpar.” Rocha, seguido por seus comparsas, sai do bar. Alexandre diz a Vicente que aquilo foi totalmente estúpido. Vicente tenta tranquiliza-lo, dizendo que ganhou o jogo e, afinal, Rocha seria tolo de fazer qualquer coisa contra ele. Alexandre rebate: “Por que? Por que tu mora do outro lado da guarita?” Vicente não responde e Alexandre acrescenta: “Tu não entendeu porra nenhuma. Esse jogo tu não pode ganhar!”. Dito isso, ele vai aos fundos ajudar o dono do bar.

EXT. RUA – NOITE

Um carro corta acelerado o silêncio da rua de barro. Ele para na guarita e Alexandre sai para atender. Uma arma salta da janela, com o cano apontando para ele. Corta para...

## EXT. RUA/ GUARITA - NOITE

Alexandre está sentado no chão, amarrado à guarita. A câmera detém-se, em close, no rosto expressivo de Alexandre. Ele ameaça dizer algo, mas leva um soco. Depois, alguém abre sua boca e coloca uma bola de sinuca dentro. Ouve-se a voz de Rocha dando ordens. Em sons: um porta-malas se abre, algo pesado é arrastado. Acompanhamos o olhar desesperado de Alexandre. Som de correntes se chocando. Rocha lhe conta que ``aquilo`` (não sabemos ainda o que) foi um pedido de Marisa e do próprio Vicente, após o jardineiro ter sumido com as joias dela. O olhar de Alexandre é de puro horror.

## EXT. RUA/ GUARITA - DIA

Sequência de planos detalhe: sangue misturado no chão de barro, uma corrente enrolada em um braço, joias penduradas em um pescoço salpicado de sangue, dois pés suspensos no ar. Uma bola de sinuca preenchendo uma boca. O plano abre e volta a visualizar todo o rosto de Alexandre, adormecido. Alguém o acorda gentilmente e tenta tirar a bola de sua boca. Ao perceber quem é, ele balança a cabeça, impedindo a ajuda e negando-a. Ouve-se a voz de Vicente, que finalmente consegue retirar a bola da boca de Alexandre. O rosto de Alexandre expressa uma ira extrema, mas ele permanece calado. Pedro se junta para soltar as amarras que prendem Alexandre e assim que ele se livra delas ele pula sobre Vicente, socando seu rosto e o insultando. Ele diz que tudo aquilo é culpa de Vicente. Pedro e os outros condôminos retiram Alexandre de cima de Vicente e o seguram. A câmera abre em plano médio. Vicente está em uma poça de lama e tenta se levantar. Um pouco atrás dele, vemos o corpo do jardineiro acorrentado à haste da cancela. Seu rosto está tampado por um saco e pendurado em seu pescoço há vários colares. Seu torso está repleto de facadas, mas sua camisa vermelha disfarça um pouco o sangue. Preso em sua mão há um cartão amassado escrito ``Segurança Particular Ligue XXX``. Vicente tira o casaco branco que usa e coloca sobre o torso ensanguentado do Jardineiro. O sangue invade o casaco e agora salta na tela, graças ao contraste com o branco. Vicente pega o cartão e sai.

## EXT. RUA – NOITE

Três adolescentes de aproximadamente 16 anos andam pela rua. Fumam cigarro e conversam sobre qualquer coisa. Eles passam pela guarita, que parece desativada. Não há

ninguém dentro e não há mais marcas de sangue na cancela. Eles param em frente ao portão de Vicente. Um deles fala que ouviu do pai que o dono daquela casa é o culpado pelo que aconteceu na semana passada na guarita. Eles têm a ideia de pichar algo no portão e assim fazem.

#### EXT. RUA/ PORTAO DE VICENTE – DIA

Sequência de tomadas em Jump cut: Vicente se esforçando para limpar a palavra ``CULPADO`` pichada em vermelho em seu portão. A sequência termina com Vicente no topo de uma escada móvel, parecendo instalar algo sobre o portão (mais tarde entenderemos que é uma câmera de vigilância). Ele não conseguiu apagar toda a pichação e metade das letras continuam visíveis. Luis se aproxima e chama Vicente, que vira a cabeça lentamente, tentando ser o mais arrogante possível. Luis pergunta se ele pode descer da escada, pois precisa lhe entregar algo. Vicente desce alguns degraus somente, o suficiente para esticar a mão e pegar o papel que Luis traz com ele. Ele lê atentamente enquanto Luis explica que os membros da associação optaram por desativar o funcionamento da guarita e demitir Alexandre enquanto a polícia investiga a morte do Jardineiro. O papel que Vicente segura é uma declaração assinada por quase todos os condôminos no qual eles alegam que estavam em desacordo com a colocação de um vigia noturno sem experiência prévia nenhuma, como Alexandre, e que Vicente tomou essa decisão de forma arbitrária. Luis disfarça seu contentamento em um sorriso comedido. Vicente joga algum produto que parece ser detergente no papel e começa a esfregá-lo no portão, seguindo na tarefa de apagar a pichação.

#### EXT. CEMITÉRIO – TARDE

Vicente observa de longe o enterro do Jardineiro. O avô dele, de cadeira de rodas, está acompanhado por um homem mais velho. Alexandre não aparece no grupo. Uma pá começa a catar punhados de terra e lançar sobre o caixão. A câmera se muda para o fundo da cova, olhando para cima as poucas pessoas que se reúnem ao redor dela. Um punhado de terra cai sobre a câmera e tampa a visão. Corta para...

#### EXT. CEMITÉRIO – FINAL DE TARDE

Plano detalhe da mão de Vicente catando um punhado de terra da cova recém-aterrada. Todas as outras pessoas já foram embora do cemitério. Um FUNCIONÁRIO do cemitério se aproxima silenciosamente: ``Senhor, já estamos na hora.`` Vicente, distraído, faz cara de interrogação. O homem completa: ``O cemitério está fechando. Já estamos no crepúsculo.`` A luz do pôr do sol é exuberante e Vicente descansa o olhar por alguns segundos no horizonte. O funcionário do cemitério volta a falar: ``Lindo, né? É a melhor hora do dia pra olhar o céu.`` Ainda ensimesmado, Vicente concorda. O funcionário continua: ``Mas você realmente precisa sair, senhor. O tempo dos vivos acabou, é hora de deixar os mortos descansarem.`` Vicente complementa, com um sorriso irônico: ``Ou de se juntar a eles.``

#### INT. CASA DE VICENTE/ SALA – NOITE

A porta de entrada da casa está despedaçada, provavelmente por um machado. Vicente, surpreso e assustado, corre até...

#### INT. CASA DE VICENTE/ ESCRITÓRIO - NOITE

A escrivaninha de Vicente também foi despedaçada e partes dela alimentam uma pequena fogueira que arde no centro do cômodo. Juntam-se na fogueira livros, a máquina de escrever, centenas de páginas datilografadas, etc. A arma que estava dentro da gaveta sumiu. Temos um vislumbre breve de um televisor ligado logo atrás de uma poltrona. Vicente sai pela casa gritando o nome da esposa.

#### INT. CASA DE VICENTE/ QUARTO - NOITE

Vicente encontra Marisa encolhida no quarto do casal, enrolada em uma coberta. Ele pergunta o que houve, quem fez aquilo na casa. Ela diz não saber, que se escondeu quando começou a ouvir barulhos na sala. Ela pergunta se foi o Jardineiro que invadiu a casa para roubar mais joias dela. Ele se cala e senta-se ao lado dela. Percebendo a desolação estampada no rosto do marido, Marisa se aproxima e dá um beijo no rosto dele e repete a pergunta. Vicente ignora as palavras, mas o beijo tira ele do torpor. Ele a beija de volta, agora na boca, mas ela está resistente e não beija de volta. Ele retira com força o cobertor que ela usava para se cobrir. Sua mão agarra a nuca de Marisa e ele inclina seu corpo contra o dela. Ela tenta, timidamente, repeli-lo, mas ele é impetuoso nos seus gestos. Ele começa a

tirar a roupa de Marisa, que agora já se debate freneticamente, tentando livrar-se dele. Finalmente ela consegue agredi-lo e ter meio segundo para escapar. No entanto, na fuga, ela derruba o armário e várias caixas abertas caem. De dentro destas saltam centenas de conchas que se espalham sobre a cama. Ela se atira sobre as conchas, tentando recolhe-las desesperadamente. Vicente olha para aquilo sem entender. Ele pergunta o que é tudo aquilo, para que servem aquelas conchas. Ela ignora. Ele repete a pergunta, raivosamente, enquanto pega um punhado de conchas e arremessa contra a parede. Ela grita palavras desconexas sobre proteção, que conchas servem para proteção, que são extremamente resistentes, que ele não entende nada. Sem saber o que dizer, Vicente sai do quarto e anda até...

#### INT. CASA DE VICENTE/ ESCRITÓRIO - NOITE

Vicente se senta na poltrona, desolado. Afinal a esposa estava ainda longe de encontrar o caminho de volta para a sanidade. Tudo que ele pensou ter alcançado era uma ilusão. Atrás dele, vemos um televisor transmitindo a imagem feita por uma câmera de vigilância que aponta para a frente do portão de Vicente. Um carro aparece no televisor, mas Vicente não está olhando para a tela e não sabe. Ouve-se uma buzina de carro que começa a tocar incessantemente. Vicente, após ouvir algumas buzinas, se levanta e olha o televisor. Ele pega um canivete suíço em uma gaveta e sai de casa.

#### EXT. CASA DE VICENTE/ QUINTAL – NOITE

Vicente abre a porta de casa e anda lentamente até o portão. Seu passo se assemelha ao de alguém que se encaminha para a guilhotina, com os braços para trás e os olhos mirando o chão.

#### EXT. RUA/ PORTAO DE VICENTE – NOITE

Ao abrir a porta que dá acesso à rua, Vicente avista Rocha e mais quatro comparsas, encostados em um carro. O ombro do líder dos milicianos sangra. Sem falar nada, ele faz um sinal e dois comparsas tiram Alexandre do porta-malas e o jogam no chão enlameado da rua. Chove. Alexandre está ensanguentado e tem seus pés e mãos atados por uma fita, que também serve para prender uma arma na boca dele. É a arma de Vicente que estava na

gaveta, junto de seus escritos. Rocha explica que Alexandre quis se vingar da morte do irmão – ele aponta para o ombro ensanguentado. ``Acontece``, continua ROCHA, ``que na verdade foi você que matou o Jardineiro. Ele roubou você e sua esposa. Você o achou e aplicou a sua noção de justiça, que eu admiro. Depois, ao descobrir isso, nosso amigo aqui (Alexandre) foi atrás de você, vocês discutiram e você o matou com a tua arma. Com as tuas digitais. Tudo se encaixa`` Rocha fala que Vicente tem duas opções. ``Você pode mandar eu me fuder e ir embora. Nesse caso, o cadáver do nosso amigo aqui vai aparecer em um terreno baldio qualquer. Eu mesmo vou achar e vou me encarregar da investigação. Não vai ser difícil achar a arma do crime (aponta para a arma) e você vai preso pela morte dos dois irmãos``. Vicente fixa os olhos em Alexandre. Rocha continua: ``A segunda opção é mais interessante. Eu sumo com o corpo dele e ninguém vai descobrir quem foi. Claro que todos nós aqui sabemos que vai ter sido você, mas eu estou disposto a te ajudar nessa. Em troca, a gente cuida da segurança aqui do bairro por um preço generoso. Pra escolher essa opção você só precisa apertar um botão (apontando novamente para a arma) ``. Vicente anda até Alexandre e, hesitante, coloca a mão no revólver. Vicente pergunta, retoricamente, por que ele queimou suas folhas. Ele aponta a ponta da arma para baixo, obrigando Alexandre a torcer seu pescoço. Ele pergunta por que ele fez aquilo. Vicente chuta Alexandre e depois o levanta, para em seguida arremessa-lo na lama um pouco mais para longe de Rocha e dos outros. Rocha fala, risonho, para ele ter cuidado com a arma, pois ela pode disparar sem querer. Vicente caminha agressivamente em direção a Alexandre e coloca a mão em suas costas, como se fosse levantá-lo, mas os comparsas de Rocha o tiram de cima de Alexandre e o empurram para longe. Vicente para e fixa os olhos em Rocha. Vicente diz, calmamente, que vê outra opção. ``Posso te matar. ``. Rocha abre um sorriso. A luz ativada por sensores de movimento se apaga e quando acende de novo Vicente está com a mão direita dentro do casaco. Rocha, acompanhado de todos os seus comparsas, apontam a arma para Vicente. ``Tira essa mão daí. Não vale a pena. Você não tem chance, você nunca teve chance``, diz Rocha. Vicente olha de soslaio para Alexandre, que com um canivete termina de cortar a fita que amarra seus pés. Entendemos que Vicente entregou-lhe esse canivete quando o “atacou”. Vicente saca rapidamente a mão do casaco e é alvejado dezenas de vezes. Ele desaba no chão em câmera lenta, em contraluz, e os braços fazem a forma de uma cruz. Ele tomba como um mártir. De sua mão direita, cai um cartão

amassado escrito ``SEGURANCA PARTICULAR LIGUE XXX``. Rocha e os comparsas se demoram alguns segundos, em seguida entram apressadamente no carro. Eles notam, sem entender, que Alexandre sumiu.

#### EXT. RUA/ PORTAO DE VICENTE – NOITE

A câmera sobe e se afasta lentamente, ao mesmo tempo em que a imagem vai descolorindo até se transformar em uma imagem de câmera de vigilância. Ela fica estagnada por alguns segundos, enquanto assistimos Rocha e os outros entrarem no carro apressadamente.

#### INT. CASA DE VICENTE/ ESCRITÓRIO

A câmera se afasta ainda mais, deixando de se parecer com uma câmera de vigilância para revelar-se dentro do escritório de Vicente. Marisa está em frente ao televisor que gravava tudo o que acontecia em frente ao portão de sua casa. Junto com ela, observamos enquanto o carro parte em retirada. Acompanhamos, então, os movimentos de Marisa: ela aperta o botão de ejetar e pega com as duas mãos o CD que gravava tudo recebido pela câmera. Ela olha o CD e o aperta junto ao peito. Em seguida, ela anda vagorosamente até a fogueira que ainda está acesa no centro do escritório e repousa no topo dela, calmamente, o CD. Enfim, Marisa se encolhe em um canto do escritório e se enrola em um cobertor. O CD queima lentamente na fogueira.

#### EXT. CEMITÉRIO - DIA

Em uma lápide vemos esculpido: ``VICENTE CALLEJO BARBOSA 1976 - 2016``. Logo embaixo lê-se o epitáfio. A câmera se afasta e gira, passando a ver a lápide de cima. Uma mão invade o quadro e se apoia, carinhosamente, no topo da lápide. A mão repousa ali por alguns segundos e, ao sair de quadro, deixa uma moeda de 25 centavos sobre a pedra. A câmera sobe lentamente, se afastando da cena. Aparece Alexandre em frente à lapide. Apoiado nela, há um buquê de rosas brancas. Já longe da lápide, o funcionário do cemitério cava uma cova. A câmera continua subindo...

### **3. DESENVOLVIMENTO**

### 3.1 Estrutura Dramática

O arcabouço do roteiro foi alicerçado a partir do conceito de *Beat Sheet*, desenvolvido por **Blake Snyder**. O método foi alcunhado de *BS2* e estudei como ele pode ser utilizado para dissecar **algumas grandes** produções da indústria cinematográfica. Tal fórmula, há que se reconhecer, é majoritariamente aceita no cinema hollywoodiano, onde é encontrada tanto em produções milionárias —(*A Origem*, de 2010), e *Batman Begins*, de 2005) — como em películas alternativas, as chamadas do cinema *indie* —(*500 dias com ela*, de 2009). Provavelmente, esse fenômeno acontece porque filmes de outros polos geográficos costumam flertar **frequentemente** com o gênero lírico, mais subjetivo e intimista —(*O fabuloso destino de Amélie Poulain*, de 2001), e *O Ódio*, de 1995) —, fazendo deles menos adequados à análise através da técnica de *BS2*, mais apropriado a filmes dramáticos e, em menor escala, épicos —(*Cidadão Kane*, de 1941), e *Era uma Vez na América*, de 1984 **a maior a**).

Esses três gêneros holísticos são explicados com acuidade por Flavio de Campos e, sobre o dramático, ele nos diz que “Se o principal ponto de foco do seu narrador é o jogo de ações entre personagens que contracenam uns com os outros através dos pronomes de segunda pessoa “tu” e “vós” - ou de suas variantes “você” e “vocês” -, a narrativa gerada daí será dramática.” (CAMPOS, 2007, pg. 137-67). Sublinho aqui essa definição por acreditar que seja este o gênero **nao** qual o roteiro deste projeto de conclusão de curso se encaixa com mais precisão.

O método de Blake Snyder visa a ajudar o roteirista a criar uma espécie de desenho arquitetônico da história; a base onde os elementos narrativos e os personagens irão transitar. Ele destaca 15 pontos-chaves, **chamados chamados** pelo autor de “beats”, que devem subdividir a história e montar a sua fundação, viga por viga. Considero importante focalizar então algumas dessas seções e indicar as cenas, ou sequências, referentes a elas em meu roteiro.

“*Debate*” é a fração da história na qual o protagonista está no processo de decisão entre assumir ou declinar os riscos e responsabilidades recém-impostos a ele após o evento.



que Blake Snyder chama de *Catalyst* e que também aparece nos livros de Robert McKee e Flavio de Campos com os respectivos nomes de "Incidente incitante" e "Problema dramático". Dentre essas tantas definições, fico com a do autor brasileiro que define o "Problema dramático" como "o incidente que motiva a ação dramática principal." (CAMPOS, 2007, pg. 118)

Em A Guarita, a cena em que Marisa anuncia não conseguir encontrar sua joia e acusa o jardineiro de tê-la roubado estampa o incidente a partir do qual toda a história irá se desdobrar. Flavio de campos distingue os incidentes da narrativa *entre* essencial, "aquele que (...) tem de ser narrado", e acessório, "aquele que complementa e conecta incidentes essenciais" (CAMPOS, 2007, pg. 118). Sendo *este* o "Problema dramático" da narrativa, enfrentei uma dificuldade especial com essa cena. Nas primeiras versões do argumento desenvolvido essa cena não existia, fazendo com que o espectador somente descobrisse sobre o tal "roubo", ou sumiço, na cena seguinte, dias após o ocorrido, através de um diálogo de Marisa com outros condôminos. Isso porque eu considerava, e ainda considero, essa cena pouco atraente em termos de dramaticidade e estética. Não obstante, optei por incluí-la e criar uma forma de amarrá-la com a última cena em que Vicente e Marisa aparecem juntos: em ambas, ela se atira desesperadamente na cama atrás de um objetivo delirante, sob o olhar perplexo de Vicente. Simbolicamente, representa a condição perene dos problemas mentais de Marisa, que, uma vez percebida pelo *marido*, irá contribuir para motivar *a* ação terminal do protagonista *do* protagonista *da* estória.

Volto agora à seção de "Debate", que, como dito anteriormente, é subsequente ao *Catalyst* e representa a última chance de o protagonista fugir da situação que parece se inclinar sobre seus ombros. *Ele* precisa estar parcialmente alerta dos perigos da jornada que se estende a sua frente e, ainda assim, escolher percorrê-la. Do contrário, não há estória.

Diante de Vicente são colocados três episódios importantes entre o problema posto e o veredito tomado. Os dois primeiros acontecem no churrasco e se anulam quando colocados na balança decisória. Após entendermos que Vicente se opõe à criação da guarita e, especialmente, *a entregar seu controle* *entregar* seu controle à milícia, ele é colocado em

**Formatado:** Fonte: Itálico, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Itálico, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Itálico, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Itálico, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

um embate verborrágico contra Rocha e, secundariamente, Luis. É notável e evidente para todos os presentes, inclusive e principalmente para Vicente, a sua tibieza diante dos dois rivais. A pergunta que plana no ar nesse momento é: o protagonista terá, apesar de seu desejo em combater o que considera errado, força e coragem para levar suas vontades a frente? A resposta para isso parece vir logo depois, quando Vicente se afasta da conversa em sinal de desistência. Assim, o segundo episódio aparece e equilibra novamente a balança: de longe, ele vê Rocha e sua esposa trocarem gestos amigáveis. Tomado pela raiva instintiva que aquele gesto suscita, ele agarra a esposa pelo braço e sai. Agora essa fuga está despida da covardia tácita do primeiro gesto e se mostra mais como um aceno de enfrentamento adiado. A terceira e última cena, a que empurra Vicente até a decisão de assumir a luta, é a que Vicente conversa com Pedro do lado de fora da casa e este, despretensiosamente, verbaliza uma das premissas do filme.

Estendendo o olhar nessa última cena citada no parágrafo anterior e faço alusão ao conceito de "epifania", que nas palavras poeticamente engendradas por James Joyce acontece "quando a essência do mais trivial dos objetos nos parece radiante". Flavio de Campos é mais pragmático ao dizer que "por extensão, "epifania" passou a significar a narrativa de uma revelação – divina ou mundana". (CAMPOS, 2007, pg. 347). Ao insinuar que a natureza agressiva de seu cão é útil, e talvez até imprescindível, Pedro envia, involuntariamente, um recado à Vicente, que escuta o significado dessas palavras como se fossem direcionadas a si. Este preceito será abraçado pelo protagonista e o fará se impor nas situações em que se envolverá logo a frente, a fim de defender sua moral, sua esposa e seu espaço.

O outro ponto chave elaborado pelo método BS2 que eu quero destacar é o chamado "All is lost", que, segundo o autor de *Save the Cat!*, pode ser resumido como "o momento oposto ao ponto médio em termos de "altos" ou "baixos". É também o ponto do roteiro comumente intitulado "falsa derrota", pois, mesmo que tudo pareça perdido, essa condição é temporária. Mas deve parecer-se com uma derrota total. Todos os aspectos da vida do herói estão em pedaços."<sup>3</sup> (SNYDER, 2005, pg. 86). Em *A Guarita*, esse "beat" se

<sup>3</sup> Trad. Nossa: the opposite point of the midpoint in terms of an "up" or "down". It's also the point of the script most labelled "false defeat", for even though all looks black it's just temporary. But it seems like a total defeat. All aspects of the hero's life are in shambles

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Não Itálico, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Não Itálico, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Não Itálico, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: 10 pt, Cor da fonte: Automática, Inglês (Canadá)

**Formatado:** Fonte: 10 pt, Cor da fonte: Automática, Inglês (Canadá)

**Formatado:** Fonte: 10 pt, Cor da fonte: Automática, Inglês (Canadá)

constrói gradativamente, iniciando-se quando, no cemitério, Vicente digere a consequência involuntária de suas atitudes, que culminaram na morte de um inocente. Ele falhou miseravelmente e aqui é onde ele realiza percebe isso. O crepúsculo que invade o horizonte e se debruça sobre ele é uma metonímia de sua condição emocional. Como o sol que se enterra na escuridão da noite, algo dentro de Vicente também apaga. Mas ainda há a escuridão total a enfrentar.

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

Mas ainda há a escuridão total a enfrentar. A noite, real e simbólica, chega quando ele descobre que sua casa, antes sempre minuciosamente organizada, fora invadida e seus escritos desaparecem em umase desmancham na fogueira armada anonimamente no centro do escritório. Aqui, a violação da casa sintomatiza a extinção absoluta do controle que Vicente, ingenuamente, acreditava ter. Na sequência, em um ímpeto nascido de seu estado psíquico atormentado, ele tenta violar o corpo da esposa, o único alento que lhe resta, tentando impor de novo seu poder da forma mais torpe possível e cavando mais fundo o buraco em que se enterra no qual se enterra. Marisa consegue se desvencilhar e, acidentalmente, revela o que vinha fazendo há semanas na praia. Revela também, em isso assim, que sua sanidade ainda está longe de ser recuperada. Esse é o clímax dessa etapa do filme referente ao *“All is lost”*. Todas essas situações irão se somar e fundar o consecutivo auto sacrifício de Vicente.

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Itálico, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

**Formatado:** Fonte: Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

### 3.2 *This is the End*

A ideia de dar um fim trágico para a estória amadureceu por conta da necessidade que eu tinha de encontrar uma forma de sugerir que o problema denunciado no filme não acabaria com créditos. A *diegese* de A Guarita busca refletir uma realidade latente vivida nas comunidades pobres da cidade do Rio de Janeiro, rendidas à violência e à marginalidade. Uma realidade sem mocinhos, em que os dois lados, bandidos e polícia, representam uma ameaça. Nesse universo excluído das manchetes dos jornais, nunca fez tanto sentido a frase de Eduardo Galeano: “Na luta do bem contra o mal, é sempre o povo que morre”. Assim, diante do dilema final, em que precisou escolher entre desistir de seus

**Formatado:** Fonte: Negrito, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

princípios ou de sua liberdade, Vicente descobre uma terceira alternativa, aceitando a morte, para, filosoficamente, continuar em vida, através da figura de Alexandre, salvo graças ao seu ato heroico.

Ainda sobre a cena final, destaco um ponto no qual ela difere dos outros momentos de violência no filme. O filme *Funny Games* (1997), de Michael Haneke, através do meta-cinema, tenta escancarar a violência estilizada usada pelas grandes produções de *hollywood* e este conceito se torna nítida no (ótimo) título do longa em português: *Violência Gratuita*. *A Guarita*, de forma análoga, tenta delatar a brutalidade sofrida pelos pobres, ao mesmo tempo em que acusa a cegueira e a letargia do restante da sociedade perante o sofrimento destes. Em recurso também utilizado pelo brilhante cineasta austríaco, a violência em *A Guarita* aparece de forma velada quando fere os personagens da comunidade pobre, escondida nos ``fundos do bar`` ou em segundo plano, ofuscada na tela pela dor de Vicente, esse sim um personagem rico e no qual o sangrar tem significância. O sangue que surge rapidamente misturado ao barro quando Vicente sobe a ladeira da comunidade pobre e o mesmo sangue que se destaca na tela quando o protagonista cobre o corpo do jardineiro com um casaco branco são outros momentos que, metonimicamente, tentam vivificar essa mensagem. A única cena em que a violência aparece de fato em destaque é no fuzilamento exageradamente espetacularizado de Vicente, chamando a atenção para o fato da sociedade enxergar diferentemente a morte de uma mesma pessoa dependendo de sua posição social e de seu código postal.

### 3.2 Narrador

Muitas são as questões que devem ser consideradas quando se pensa na forma de narrar uma história, seja ela para um livro, um filme ou mesmo um conto oral. Uma delas, que pretendo tratar rapidamente aqui, é o lugar no qual o narrador se posiciona. São, segundo Flávio de Campos, ``seis os pontos de vista onde você pode colocar o seu narrador: acima da história, do lado do personagem principal, do lado do personagem secundário, dentro do personagem principal, dentro do personagem secundário e voltado para dentro de si mesmo.`` (CAMPOS, 200, pg. 50)

Em *A Guarita*, o narrador se localiza, predominantemente, dentro do personagem. Para ser exato, das 63 cenas que compõem o roteiro, somente em 7 o narrador sai de dentro do personagem principal, Vicente. Como qualquer escolha de estilo narrativo que se faça, essa também traz vantagens e desvantagens. O narrador posicionado dentro de Vicente motiva, naturalmente, a criação de um laço de empatia mais forte entre o espectador e o personagem. Em contrapartida, esse tipo de ponto de vista impossibilita, até certa medida, que o roteirista permita à câmera - a ``voz`` do narrador - notar elementos ``escondidos`` em cena ou relatar eventos que o respectivo personagem não perceberia, levando-se em conta suas limitações físicas e psicológicas, clarificadas no perfil deste, e sua localização no cenário. No roteiro deste projeto, essa particularidade justifica a ausência de uma cena que mostrasse Alexandre invadindo a casa de Vicente: o espectador aqui padece do mesmo desconhecimento que o protagonista.

Outra desvantagem deste ponto de vista escolhido é o risco de tornar a estória inverossímil ou confusa para o espectador quando o narrador se desloca para fora do personagem padrão, o que acontece em *A Guarita* em cerca de 10% das cenas. Ciente, no entanto, dessa ameaça, tentei mitigar o potencial nocivo de tais deslocamentos. Destaco, assim, três cenas que elucidam as estratégias usadas com esse objetivo.

Logo no primeiro quarto do filme, Marisa tem um delírio paranoico ao ver o jardineiro usando diferentes ferramentas no jardim. A câmera assume o ponto de vista dela, fato inclusive sublinhado na redação do roteiro, demonstrando seu estado psicológico instável. O recurso de câmera subjetiva é essencialmente lírico, focado na interioridade do personagem, e destoa um pouco tanto do gênero do longa-metragem, que como destaquei anteriormente é majoritariamente dramático, quanto do lugar do narrador, localizado dentro do protagonista. Entretanto, Vicente está presente no espaço físico em que a cena ocorre e, elipticamente, sugere-se que ele estava observando as reações delirantes da esposa. Essa foi a forma encontrada para tentar justificar como o narrador foi capaz de explorar o subjetivismo da personagem secundária.

A segunda cena que quero destacar é a que inicia o terceiro ato da narrativa, na qual Alexandre é amarrado por Rocha e seus empregados. Como já se sabe, Vicente não estava presente e nem mesmo próximo da cena. O possível impacto pernicioso deste deslocamento

do narrador foi aliviado ao esconder a imagem do cadáver sendo pendurado na haste da guarita. Todos os personagens em cena conseguem vê-lo, mas a câmera recusa-se a mostrar qualquer coisa além do rosto expressivo de Alexandre. O espectador, desta forma, só irá descobrir o que estava sendo visto e confirmar as suas suspeitas da morte do jardineiro quando Vicente testemunhar tudo, na cena seguinte. Mais uma vez, o narrador encontrou uma forma de se manter fiel ao ponto de vista do protagonista.

A última cena na qual o narrador escapou do protagonista é justamente a que encerra o filme. Com a morte do protagonista e, por isso, a impossibilidade de fazer dele um personagem presente em cena, o narrador opta por observar de cima enquanto Alexandre presta suas condolências póstumas à Vicente. Após um terno ato do coadjuvante da estória, que acaricia a lápide e deixa sobre ela uma moeda, o narrador, que já flutuava, alça voo e se afasta do solo mundano. Simbolicamente, aqui o narrador está ainda dentro de Vicente ou, ao menos, de seu espírito, que ascende aos céus após a despedida do amigo. Recurso parecido, ou seja, de sugerir que a câmera aérea representa o espírito do personagem, já foi utilizado amplamente no cinema. A cena inicial de *Beleza Americana* (1999) é um bom exemplo, na qual a câmera sobrevoa a cidade de Los Angeles enquanto o protagonista, Lester Burnham, revela ao espectador, em *voice over*, que já está falecido.

**Formatado:** Fonte: Negrito, Cor da fonte: Automática, Português (Brasil)

## REFERÊNCIAS

### • BIBLIOGRÁFICAS

MCKEE, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro.** Tradução: Chico Marés. Curitiba: Arte e Letra, 2006.

TURNER, G. **Cinema Como Prática Social.** São Paulo: Summus, 1997.

SNYDER, Blake. **Save the cat! The last book on screenwriting you'll ever need.** Los Angeles: Michael Wiese Productions, 2005.

CAMPOS, Flavio de. **Roteiro de Cinema e Televisão.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

**Formatado:** Fonte: Negrito, Português (Brasil)

DEJOURS, Christophe. **A Banalização da Injustiça Social.** Tradução: Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções.** Tradução: Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1995.

PARENT-ALTIER, Dominique. **O Argumento Cinematográfico.** Tradução: Pedro Elói Duarte. Lisboa: 2014.

TAVARES, Gonçalo M. Tavares. **Aprender a Rezar na Era da Técnica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PREVÉRT, Jacques. **Paroles.** França: Le Point du jour, 1946.

DONNE, John. **Poems on Several Occasions.** Estados Unidos: Gale ECCO, 2010.

KEROUAC, Jack. **On the Road.** Tradução: Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

BUCHSBAUM, Paulo. **Frases Geniais.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

#### • FÍLMICAS

**O SOM AO REDOR.** Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux. Vitrine Filmes, 2012.

**GRAN TORINO.** Direção: Clint Eastwood. Produção: Clint Eastwood. Warner Bros, 2008. *Gran Torino.*

**BELEZA AMERICANA.** Direção: Sam Mendes. Produção: Bruce Cohen. DreamWorks, 1999. *American Beauty.*

**O DEMÔNIO DAS ONZE HORAS.** Direção: Jean-Luc Godard. Produção: George de Beauregard. Société Nouvelle de Cinématographie, 1965. *Pierrot le Fou.*

**CIDADÃO KANE.** Direção: Orson Welles. Produção: Orson Welles. Mercury Productions, 1941. *Citizen Kane.*

**O ÓDIO.** Direção: Mathieu Kassovitz. Produção: Christophe Rossignon. Canal+, 1995. *La Haine.*

**VIOLÊNCIA GRATUITA.** Direção: Michael Haneke. Produção: Veit Heiduschka. Osterreichischer Rundfunk, 1997. *Funny Games.*

**ONDE OS FRACOS NÃO TÊM VEZ.** Direção: Joel Coen e Ethan Coen. Produção: Scott Rudin. Miramax Films, 2007. *No Country for Old Men.*

**BOOGIE NIGHTS: PRAZER SEM LIMITES.** Direção: Paul Thomas Anderson. Produção: Lloyd Levin. New Line Cinema, 1997. *Boogie Nights.*

**MENSAGEIRO DO DIABO.** Direção: Charles Laughton. Produção: Paul Gregory. United Artists, 1955. *The Night of the Hunter.*

**O FILHO DA NOIVA.** Direção: Juan José Campanella. Produção: Juan Pablo Galli. Patagonik Film, 2001. *El Hijo de la Novia.*